

**CENTRO SUVAG DE PERNAMBUCO  
FACULDADE SANTA HELENA  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO**

**PESQUISA FIGURAÇÕES CULTURAIS: SURDOS NA  
CONTEMPORANEIDADE**

**RELATÓRIO FINAL**

**Abdias Vilar de Carvalho – coordenador da pesquisa**

**RECIFE, ABRIL DE 2009**

## **APRESENTAÇÃO : contextualização**

O curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos, organizado pelo Centro SUVAG de Pernambuco em convênio com a Faculdade Santa Helena e subsidiado financeiramente pela Secretária Estadual de Educação, teve início em fevereiro de 2008 e foi concluído em junho de 2009.

A orientação pedagógica, a prática didática e a estruturação da grade curricular, concebidos e exercidos numa perspectiva interdisciplinar e calcados numa visão de conhecer, compreender, interpretar e produzir conhecimentos coletivamente, buscaram responder ao desafio, tão bem plantado por Paulo Freire, de uma pedagogia cidadã.

Neste sentido, com o objetivo de conhecer parte da realidade da vida do estudante surdo em Pernambuco e também para proporcionar ao corpo discente uma nova e diferente alternativa de redação da monografia, o Colegiado docente do Curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos propôs a realização de uma pesquisa coletiva com a participação direta de professores e alunos.

Esta pesquisa nasceu não como extensão ou complemento do curso de Especialização, mas como parte indispensável, como elemento constitutivo do refletir e do produzir novos conhecimentos sobre um grupo social, os surdos, possuidores de uma língua e de uma cultura próprias.

Aliava-se a esta perspectiva pedagógica a falta de dados empíricos mais recentes sobre o surdo em Pernambuco. A última referência estatística sobre escolaridade de alunos surdos consta do Censo Escolar de 2006<sup>1</sup> que registrou

---

<sup>1</sup> Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria de Educação de Pernambuco. Censo Escolar de 2006

846 surdos freqüentando as escolas. Desse total, 789 alunos surdos estão na Região Metropolitana do Recife (RMR).

Como toda pesquisa, e mais do que tudo esta, tem um caráter inicial exploratório, sobretudo num cenário de grandes lacunas. Todavia, espera-se que o seu caráter investigativo e pedagógico tenha permitido um novo modelo de orientação de monografias que articule a pesquisa coletiva com o fazer monográfico individual. E possa, na medida em que apresentada e discutida por meio de seminários, ser incluída na agenda da Secretaria de Educação e dos movimentos dos surdos, além de preencher as lacunas do conhecimento, contribuir para a discussão do desenvolvimento de políticas públicas educacionais.

É diante desse quadro referencial que esta Pesquisa foi pensada como desafio para conhecer a vida familiar, social e cultural do Surdo na Região Metropolitana do Recife, tendo como ponto de partida os alunos surdos da Rede Estadual de Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Para ampliar o universo e, de certa forma, como primeiro passo de estudo comparativo, foram incluídos estudantes que estudam em uma escola bilingue para surdos, o SUVAG, e universitários surdos.

Convém sublinhar o aspecto *inovador e desafiador* da Pesquisa. *Inovador* na medida em que foi um projeto de construção coletiva entre professores e alunos do curso de especialização. Em outros termos, todos são pesquisadores, como bem expressou uma professora-aluna deste curso:

“...a proposta de realizar uma pesquisa coletiva foi a metodologia mais democrática para que os surdos participassem numa posição diferenciada”. (LONGMAN, C. 2009, pag. 21).

Pensar coletivamente não significa tão somente pensar com várias pessoas, mas partilhar saberes, experiências e perspectivas. *Desafiador* porque o contexto da elaboração e concretização da pesquisa precisou ser estruturado, organizado e sinalizado para se alcançar os objetivos definidos, ou seja, definir os passos metodológicos e as formas de realização e conclusão

A pesquisa *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade* foi realizada de setembro de 2008 a junho de 2009, e se desenvolveu em três

fases e momentos: a) discussão metodológica e preparação operativa; b) aplicação dos questionários e de sua primeira tabulação por escola, e, por fim, c) a tabulação total por categoria social pesquisada.

Este Relatório está formatado em três partes. Na primeira constam a concepção, preparação e realização da pesquisa com a aplicação dos questionários. A segunda parte, a partir das tabulações dos questionários de estudantes, professores e pais, apresenta alguns temas e questões: Perfil Social e Cultural dos Entrevistados, o Processo de Inclusão Escolar, Libras: Conhecimento e Reconhecimento. A terceira parte é formada por 5 Anexos<sup>2</sup>: Anexos II e III, respectivamente, o modelo do Termo de Consentimento dos Entrevistados e do Termo de Compromisso pelo qual cada aluno, na qualidade de co-participante da pesquisa, assumiu a responsabilidade com a aplicação dos questionários e com a privacidade das informações; Anexo I, Relação completa dos professores e alunos que participaram da pesquisa; Anexo V, Relação e resumo das monografias e, por fim, Anexo IV, Proposta de uma cronologia para a história dos surdos no Brasil.

---

<sup>2</sup> Este Relatório foi apresentado, em 2009, à Secretaria de Educação de Pernambuco como parte de conclusão da Pesquisa. Nele constavam as Totalizações dos questionários de estudantes, professores e pais, sob a denominação, respectivamente, de **Anexos I, II e III**. Agora com a colocação da Pesquisa em site, os referidos anexos constituem um conjunto separado deste Relatório, denominado de Tabulações. Em consequência, os demais Anexos foram renumerados e formam o novo bloco de Anexos.

# PARTE I CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO DA PESQUISA

## 1 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

Há, aqui, uma distinção, de caráter mais didático entre o referencial teórico pertinente ao sujeito do tema central da pesquisa e dos enfoques de investigação social, de um lado, e dos métodos e técnicas aplicados, de outro lado.

Num mundo de falantes qual o lugar e o espaço do Surdo? Como pode o surdo sair deste isolamento comunicativo, que se torna social<sup>3</sup> e político, que o permita ser compreendido e respeitado na sociedade como sujeito de uma língua e não apenas qualificado como usuário de mímica? Além da função comunicativa, a aquisição e o uso de LIBRAS significam primeiramente Ser, construir sua identidade<sup>4</sup>, buscar suas raízes, reconhecer-se e reconhecer os ouvintes, e também estar numa sociedade como cidadão, como bem expressiu Carolina Longman, professora-aluna do Curso de Especialização, em sua monografia: “A língua de sinais, não é a minha primeira língua, mas é a minha língua de cidadania” (2009).

### 1.1 OBJETIVOS

Os objetivos gerais da Pesquisa refletem essa realidade como bem está explicitado em sua formulação no projeto de Pesquisa, construído e discutido com todo o corpo discente e docente:

“Conhecer com maior abrangência e profundidade a situação educacional, social, econômica, cultural e política dos surdos, analisando as suas múltiplas *experiências* e apreender as suas *expectativas de vida e de trabalho*”.

▪ Estes objetivos se viabilizaram através da demarcação dos seus objetivos específicos visando estudar:

---

<sup>3</sup> A psicóloga Contieri, S.de Mello. (2007 p. 20), em sua dissertação de mestrado, aborda “as condições da surdez como um fenômeno social”.

<sup>4</sup> Ver,Perlin, Gladis T.T. (1998), Skliar, Carlos (1998), Stuart, Hall(1999)

- Inserção dos surdos na família;
- Processo de aprendizagem dos surdos no ensino fundamental e médio;
- Experiências de sociabilidade;
- Expectativas de vida em relação ao trabalho e ao acesso às atividades culturais, sociais e políticas;
- Representações das novas identidades surdas;

A escolha de uma pesquisa coletiva sobre a vida do Surdo na Região Metropolitana do Recife implicou em uma reflexão sobre: i) o que é uma pesquisa e uma pesquisa coletiva; ii) o que é Surdo, iii) de que Surdo se trata.

As discussões privilegiaram alguns textos que abordaram direta ou indiretamente os temas supracitados. No primeiro aspecto, o apoio básico foi a concepção de compreensão (perceber/compreender), estabelecida pelo sociólogo Pierre Bourdieu<sup>5</sup>, com seus substratos de “representação complexa e múltipla<sup>6</sup>” e de “reflexividade reflexa”<sup>7</sup>; o conceito de narração (e da “figura do narrador”), apoiado em Benjamin(1985) no seu célebre e fundamental escrito “O narrador”, e também com os conceitos de “experiência”, e de “intercâmbios de experiência”.

Sobre o Surdo e o Surdo em uma realidade concreta, no caso, em Pernambuco, as reflexões se ligaram aos temas da inclusão e do processo de aprendizagem, bem como das condições objetivas em que se produz e reproduz a vida social do surdo em família e em suas múltiplas sociabilidades. Retomou-se aqui, direta e indiretamente, o tema do espaço social, já presente no conceito de *compreensão*. Nesta perspectiva alguns autores como Oliver Sacks (1998) ajudaram a refletir melhor sobre o lugar do surdo em nossa sociedade.

---

<sup>5</sup> Bourdieu,P.(coord). 1997

<sup>6</sup> Idem, p..11.

<sup>7</sup> Idem, p. 694.

Sempre na perspectiva pedagógica de conhecimento e interpretação da realidade a partir dos próprios sujeitos, foram utilizados os seguintes passos metodológicos:

- Levantamento bibliográfico mais pertinente aos temas da pesquisa, que serviu tanto para a capacitação como para as duas fases da pesquisa;
- Capacitação teórica e técnica com alunos do curso de especialização e com os professores orientadores;
- Definição dos eixos da pesquisa;
- Seleção do universo;
- Elaboração do questionário;
- Aplicação, coleta e análise dos questionários por todos os alunos;

O levantamento bibliográfico e a capacitação teórica foram feitos simultaneamente em todas as fases da pesquisa, justamente para alterar o padrão de concepção de pesquisa apenas como instrumental de coleta de dados e não como “relação social”<sup>8</sup>, que se faz também presente na parte empírica.

Se na fase anterior, a discussão foi conduzida para conhecer e definir o sujeito de uma pesquisa e sobre o próprio caráter da pesquisa, os procedimentos metodológicos, desenvolvidos nas disciplinas de Metodologia, subsidiaram, igualmente, as reflexões sobre eixos temáticos, universo, técnicas de coleta e de apuração.

---

<sup>8</sup> Bourdieu, P. (1997) ; Queiroz, Maria Isaura Pereira de (1994).

## 1.2 EIXOS TEMÁTICOS

A estrutura da pesquisa foi assentada em quatro eixos temáticos, conjugando objetivos gerais e específicos, para permitir a construção de questões comuns e apreender as questões mais particulares das categorias pesquisadas, bem como conduzir os alunos a escolherem temas para monografias mais focados na realidade sócio-cultural do surdo pernambucano:

Eixo Temático 1: Identidade, história, linguagem e constituição dos sujeitos surdos;

Eixo Temático 2. Vida cotidiana: os surdos em sua vivência social - em família, escolas, trabalho, associações e outros espaços de sociabilidade;

Eixo Temático 3. Língua de sinais e processos de aprendizagem;

Eixo Temático 4. Expectativas de vida e de trabalho.

Estes Eixos Temáticos aglutinaram diversas perspectivas de compreensão da vida do surdo em seus múltiplos aspectos, trazidos pela literatura consultada, por testemunhos em sala de aulas e seminários e também por perspectivas de análise do ponto de vista teórico e metodológico.

No Eixo Temático 1 - *Constituição dos sujeitos surdos* - a ênfase é na construção desse sujeito social surdo numa perspectiva teórica da identidade, da linguagem e da história. A temática da identidade e da identidade surda foi constantemente assinalada e discutida numa visão histórica em que a LIBRAS é o elemento catalisador desse processo.

O Eixo Temático 2 - *Vida cotidiana: os surdos em sua vivência social* – está assentado nas análises do cotidiano como complexidades dinâmicas das relações sociais<sup>9</sup>. Para tanto, as questões elaboradas procuraram captá-las em suas dimensões familiar, escolar, de lazer, de trabalho. A relação entre essas dimensões se dá, num primeiro plano, nas percepções e interpretações de

---

<sup>9</sup>Adotou-se a seguinte perspectiva de cotidianidade: “A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. (...)”. (Heller, Agnés. 1992, p.17/18).

cada categoria de entrevistado sobre essas questões e, num segundo plano, já no momento da análise, no cotejar de opiniões de pais, professores e alunos.

Se a pesquisa buscou compreender a vida do surdo que estuda em escolas públicas, não poderia ignorar a realidade escolar em suas dimensões de responsáveis pela continuação da socialização nascida no seio familiar, de formação de conhecimento, de convivência pedagógica e de sociabilidade. Mas, concomitantemente com sua vida de estudante, o surdo é também filho, o que conduz para o universo familiar; é jovem ou adulto com relações afetivas, de trabalho e de lazer. Em outros termos, o Eixo Temático 1, sinteticamente aqui denominado de eixo de identificação, se revela na concretude das ações abordadas no Eixo Temático 2.

Por sua vez, o Eixo Temático 3 - *Língua de Sinais e processos de aprendizagem* – condensou temáticas bastante centrais na vida do surdo.

A LIBRAS como *língua e linguagem*, como *pilar da identidade* e como *meio de inserção* no mundo familiar e social. Não sem razão que LIBRAS está presente na vida do surdo não apenas como língua, mas como formador do ser surdo, da comunidade surda, como bem expressaram Carolina Longman e Rafael de Araújo Ferras, alunos surdos do Curso de Especialização:

Os surdos usam a sua língua e identificam com ela a sua vida. A língua é a descoberta da sua vida. Os surdos são os guardiões da sua língua. Todos fazem questão de ensinar uns aos outros. ( Longman, C. 2009.)

Mas depois que aprendi LIBRAS, eu comecei ficar muito tenso e ansioso, estava sabendo e vendo a realidade do mundo, ficava acordado e pensava alguma coisa sobre os outros, o que estava acontecendo, assim eu ganhei maturidade, mas não gostei da minha idade atrasada, fiquei angustiado. (Ferraz, R. 2009.)

O processo de aprendizagem ganha outro contorno, pois coloca aqui a problemática da inclusão como prática pedagógica e forma de sociabilidade.

E por fim, o Eixo Temático 4 - Expectativas de vida e de trabalho – buscou conhecer a realidade daqueles estudantes que por idade e problemas financeiros da família precisam trabalhar. O tema trabalho ganhou mais precisão na pesquisa com os surdos universitários. Vindo de uma vida marcada

pelo isolamento, estigmatizada por preconceitos, conhecer, portanto, quais são as perspectivas de vida futura destes jovens surdos ganhou, nesta Pesquisa, uma importante dimensão cultural.

### 1.3 UNIVERSO DA PESQUISA e CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Sob a denominação de universo estão compreendidos os grupos sociais e espaços e lugares físicos na cidade de Recife.

O estudante surdo foi a base da pesquisa a partir do qual foram construídos os demais vértices, ou seja, família e escola. Compreender essa complexa relação triangular implicou definir cada segmento em si e em sua interconexão.

Um dos fatores determinantes para a seleção dos estudantes foi a **escola** e aquelas com o maior número de estudantes surdos matriculados e cursando da 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental e das três séries do Ensino Médio, critério também seguido para pais e professores. Estas escolas foram as mesmas de origem do corpo discente, isto é, Barbosa Lima<sup>10</sup>, Lauro Diniz, Rochael de Medeiros<sup>11</sup> e Vidal de Negreiros da Rede Estadual de Ensino, e a Escola Educacional Bilíngüe SUVAG, uma ong. Para os pais, considerou-se a situação de pais surdos com filhos surdos, pais ouvintes com filhos surdos e pais surdos com filhos ouvintes.

Por sua vez, os universitários surdos escolhidos para integrar o universo da pesquisa foram os que estavam em faculdades públicas e privadas de Recife e Olinda, sendo 4 surdos de universidade pública e quatro outros de faculdades privadas.

---

<sup>10</sup> A Escola Governador Barbosa Lima concentra ainda hoje o maior número de estudantes surdos, prática que vem desde 1932. Segundo Rodrigues (2009), esta escola “apresenta uma atuação bastante anterior às políticas de inclusão em unidades de ensino regular. Como também, por apresentar, de forma continuada ao longo dos últimos anos, trabalho de atendimento a estudantes com surdez. E atualmente, prevê uma prática educativa através do ensino de LIBRAS”.

<sup>11</sup> A escola estadual Rochael de Medeiros tem classes bilíngües no ensino fundamental II.

Para a escolha dos entrevistados, adotou-se o critério de amostragem de 15% do universo de estudantes surdos e professores da rede estadual de ensino, estendido esse mesmo critério para a escolha dos pais.

A seleção dos entrevistados foi aleatória, isto é, em cada escola um estudante do Curso de Especialização assumiu a função de coordenador, cabendo-lhe, entre outras funções, a realização de um sorteio de nomes de estudantes cursando as diversas séries do Fundamental II e Médio nos períodos diurnos e noturno e do sexo masculino e feminino. Os mesmos procedimentos de representação foram adotados para professores e pais. Quando houve coincidência de aluno e pai/mãe e de ausência de um dos entrevistados, outros nomes da lista de suplentes foram então convidados.

De acordo com os dados da Tabela 1, foram entrevistadas 135 pessoas, sendo 57 estudantes, dos quais 49 estavam no Fundamental II e no Ensino Médio e 8 em faculdades; 43 pais, sendo 42 ouvintes e 1 pai surdo; e 35 professores, sendo apenas 1 (um) surdo.

Tabela 1. Universo dos Entrevistados por Grau de Ensino e por Escolas.

Condição dos entrevistados	ESCOLAS					
	B.Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal De Negreiros	Total
	<b>ESTUDANTES</b>					
Estudantes do Fundamental II	11	3	10	8	4	36
Estudantes do Ensino Médio	12	1	-	-	-	13
Universitários						8
<b>Sub-total 1</b>	<b>23</b>	<b>4</b>	<b>10</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>57</b>
	<b>PAIS</b>					
Pai Surdo					1	1
Pais Ouvintes	2	1	1	1	1	6
Mães Ouvintes	17	2	9	6	2	36
<b>Sub-total 2</b>	<b>19</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>43</b>
	<b>PROFESSORES</b>					
Professores Surdos				1		1
Professores Ouvintes	24	2	3	2	3	34
<b>Sub-total 3</b>	<b>24</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>35</b>
<b>Total Geral</b>	<b>66</b>	<b>9</b>	<b>23</b>	<b>18</b>	<b>10</b>	<b>135</b>

Fonte: SUVAG. 2009. Questionários Estudantes, Pais e Professores.

## 1.4 QUESTIONÁRIOS.

As discussões coletivas para a elaboração dos questionários levaram em consideração que não sendo ele um amontoado de questões e de perguntas, deveria ser concebido dentro de uma perspectiva metodológica que orienta e dá sentido à pesquisa como um todo.

Mais rico e pedagógico é trazer para cá, a “reflexão-depoimento” de Maria Jeane da Silva Lima (2009), aluna do Curso de Especialização, que assim escreveu em sua monografia:

A nosso ver, o aspecto operacional tornou-se o coração do trabalho coletivo, porque o mesmo foi sendo construído pouco a pouco, de “forma artesanal”<sup>12</sup> onde se viveu momentos de construção e desconstrução de experiências enquanto pesquisador, sentido a necessidade de incluir, na prática, outros aspectos teóricos próprios dessa vivência.(Lima, 2009,)

Assim, as perguntas agrupadas e sob formas diferentes de elaboração buscaram responder a problemáticas já contidas nos objetivos e nos eixos temáticos. Em termos sintéticos, os questionários abriram caminhos para: *que mundo do surdo conhecemos? Que mundo do surdo desejamos conhecer?* Questões que ensejaram reflexões, coletivamente discutidas, ou as seguintes “polêmicas” como as denominou Longman, C (2009):

- Como sobrevivem as famílias com surdos sem falar a Libras?
- O que nos ensinam os surdos?
- Por que discriminamos os surdos?
- Como é a socialização dos surdos na escola e na comunidade?

Para cada segmento social foi elaborado um questionário envolvendo os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos da vida do surdo, englobados sob a Identificação, o Perfil social e os Eixos Temáticos, mesmo que esses títulos não apareçam.

---

<sup>12</sup> Termo utilizado pela Profa. Teresa Barreto Campello durante as aulas de Metodologia quando se referia ao processo de elaboração da pesquisa.

No total, foram três questionários com número de questões variadas conforme pode ser observado pela Tabela 2.

Tabela 2. Número de questões por questionários.

Segmento entrevistado	Número de questões
Estudantes surdos do Fundamental II e Ensino Médio	148
Universitários surdos	160
Professores de alunos surdos	146
Pais de filhos surdos	165

Fonte: SUVAG.2009. Questionários Estudantes, Pais e Professores.

No cabeçalho de cada questionário constava uma identificação própria através de uma ordem de letras relativas ao estabelecimento de ensino, categoria social, e de um número seqüencial, assim formulados :

**por escola**, a primeira letra do nome: B (Barbosa Lima); L (Lauro Diniz); R (Rochael de Medeiros); S (SUVAG); V (Vidal de Negreiros); e U (universitário).

**por categoria social** de entrevistado : A (aluno); E (educador, para professor, diferenciando-o de pais); P (pais); U (universitário).

**por um número seqüencial:** 001 a 132 De 001 a 035 para educador; de 036 a 079 para pais e de 080 a 132 para alunos.

Quadro 1. Por exemplo, cada questionário foi assim identificado :

R. A. 085, quer dizer, escola Rochael de Medeiros, aluno (estudante), questionário de número oitenta e cinco.

B. E. 001, ou seja, escola Barbosa Lima, educador(professor), questionário de número um.

S. P. 070, isto é, SUVAG, pai, questionário de número setenta.

U. 06, universitário, questionário de número seis.

Os itens acima explicados podem ser visualizados na foto abaixo da primeira página do questionário de pais de nº 059(cinquenta e nove) da Escola Rochael de Medeiros.

Foto 1. Página Primeira do Questionário para Pais.

*Início*  
*Término*

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS SURDOS**  
**CENTRO SUVAG DE PERNAMBUCO - FACULDADE SANTA HELENA**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO**

**PESQUISA: FIGURAÇÕES CULTURAIS - SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE**

**QUESTIONÁRIO PARA PAIS** Nº RP-059

PAI SURDO ( ) MÃE SURDA ( ) PAI OUVINTE ( ) MÃE OUVINTE (x)

01. Sexo: a) masculino ( ) b) feminino (x)

02. Idade: 52 anos OO NR ( )

03. Cor (raça/etnia):  
a) preta / negra / afro-descendente ( )  
b) branca ( )  
c) parda/morena (x)  
d) amarela ( )  
e) indígena ( )  
99 NS ( )  
00 NR ( )

04. Você mora? (casa)  
a) no bairro Dois Unidos  
b) na cidade \_\_\_\_\_  
OO NR ( )

05. Você nasceu: (Naturalidade/Nacionalidade):  
a) na cidade: \_\_\_\_\_  
b) no estado: PE/CE  
c) no país: \_\_\_\_\_

06. Você usa LIBRAS?  
a) Sim ( ) b) As vezes (x) c) Não ( ) OO NR ( )

07. Qual é seu estado civil?  
a) solteiro(a) ( )  
b) casado(a) (x)  
c) vive com companheiro(a) ( )  
d) separado(a) ( )  
e) divorciado(a) ( )  
f) viúvo(a) ( )  
OO NR ( )

08. Escolaridade?  
a) Analfabeto ( ) OO NR ( )  
b) Fundamental I ( ) concluído ( ) não concluído ( ) cursando ( )  
c) Fundamental II ( ) concluído ( ) não concluído ( ) cursando ( )  
d) Médio (x) concluído ( ) não concluído ( ) cursando ( )  
e) Profissionalizante ( ) concluído ( ) não concluído ( ) cursando ( )  
f) Superior ( ) concluído ( ) não concluído ( ) cursando ( )  
g) Especialização ( ) concluído ( ) não concluído ( ) cursando ( )  
h) Mestrado ( ) concluído ( ) não concluído ( ) cursando ( )  
i) Doutorado ( ) concluído ( ) não concluído ( ) cursando ( )

**QUESTIONÁRIO PARA PAIS**

Fonte: SUVAG. Pesquisa Figurações Culturais: surdos na contemporaneidade. Questionário Pais.

### 1.4.1 TIPOS DE QUESTÕES

As questões foram formuladas de três maneiras. Uma primeira, com temas relacionados diretamente à vida do entrevistado. Ou seja, o entrevistado (a) deveria manifestar a sua opinião, sua interpretação com conhecimento objetivo ao tema questionado. Exemplos: *Você usa LIBRAS?, Você está satisfeito com o ensino da escola de seu filho? Você conversa com seu aluno surdo sobre o que é drogas?*

A segunda forma de perguntas buscou apreender a interpretação do entrevistado sobre determinados fatos, acontecimentos, idéias que caracterizam e determinam a vida do surdo no ambiente envolvido pela pesquisa – família, escola. Exemplos: *Onde seu filho gosta mais de usar LIBRAS? Você considera importante a inclusão do aluno surdo? Os seus alunos surdos sabem como prevenir a gravidez?*

A terceira gama de questões de ordem mais abrangentes ou questões gerais. São formulações que não se referem diretamente ao entrevistado ou ao filho ou ao aluno. Mas, pedia-se a sua visão, a sua compreensão sobre um problema em geral e não de seu caso específico. Por exemplo: *Você acha que tem surdo que quer ser ouvinte? Na sua opinião, quais os problemas de sexo dos (as) jovens surdos(as)? Na sua opinião, há intérpretes para surdos nos hospitais, delegacias, postos de atendimento de saúde e em outros locais públicos?.*

As questões formuladas foram classificadas como fechadas, abertas e mistas.

As Questões Fechadas comportavam duas ou múltiplas respostas. Por exemplo: *Você usa LIBRAS?; Você concorda que LIBRAS ajudou na aprendizagem de seu filho? Qual o seu salário na secretária de educação com as gratificações? Você é professora de surdos em...*

As Questões abertas exigiam uma resposta dada diretamente pelo entrevistado sem que lhe fosse apresentada alguma alternativa. Por exemplo, *Há quantos anos você é professora? Você concluirá seu curso universitário em que ano?*

As Questões mistas, isto é, comportavam uma questão fechada e outra em aberto, como complemento: *Quem ensinou LIBRAS a você?* A lista de alternativas era finalizada por *Outro(s)* e também por *Quem? Você acha que houve mudanças na sua família quando foi identificada a surdez de seu filho? Em caso afirmativo, qual foi a mudança?*

Outrossim, um aspecto muito importante na formulação das questões foi a análise por um grupo de estudantes surdos, coordenado pelo prof. Jadson Cristóvão Rodrigues, do SUVAG, para que houvesse as adaptações necessárias na semântica e na forma de abordagem específica de quem fala LIBRAS. Isto é, não bastou seguir as normas de elaboração de questões preconizadas em todos os procedimentos, mas de uma pesquisa feita também por surdos.

A realização da pesquisa exigiu uma sistemática estruturada na participação de todos os estudantes do Curso de Especialização na aplicação, coleta e apuração dos questionários. Foram formadas duplas de entrevistadores, um com a função de observador e outro, de interlocutor. Tal método teve como finalidade o preenchimento do questionário e de anotações, a exemplo do “caderno de campo” usado pelos etnólogos, sobre o contexto do desenvolvimento da aplicação do questionário. Os estudantes surdos do 1º e 2º graus foram entrevistados por estudantes surdos que faziam o curso de Especialização. Esta exigência não foi seguida para os universitários surdos, que foram entrevistados por alunos ouvintes com domínio em LIBRAS.

## **1.5 APURAÇÃO e TOTALIZAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS**

Seguindo a mesma prática didática das fases anteriores, o processo de apuração e totalização dos questionários foi precedido de uma reflexão metodológica sobre o significado de dados e sobre os procedimentos que deveriam ser usados. Como prosseguimento, cada dupla de entrevistador se integrou a um grupo maior por escola, conjuntamente com um professor do Curso de Especialização, para realizar a apuração, revisão e totalização por questionário.

A totalização final de todos os questionários por escola ficou sob a responsabilidade do coordenador da Pesquisa e foi estruturada levando em consideração os seguintes itens, comuns a todos os três questionários – estudantes, pais e professores:

- Identificação do entrevistado;
- Condição de ser surdo;
- LIBRAS: representação, aprendizagem e uso;
- A escola.: infra-estrutura física, aprendizagem, disciplinas;
- A família;
- Cultura surda;
- Instrução, cultura e Lazer;
- Informática (conhecimentos e uso);
- Situação social, econômica e política;
- Sociabilidade;
- Sobre os surdos em geral;
- Trabalho: condições, remuneração.

## PARTE 2 : ALGUMAS QUESTÕES TRAZIDAS PELA PESQUISA

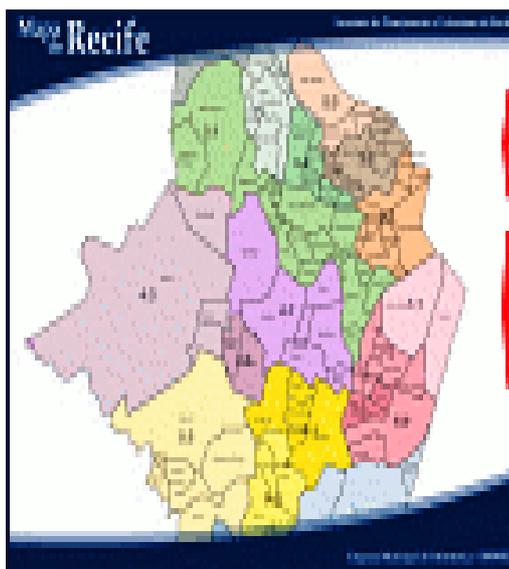
Dada a impossibilidade de analisar todas as questões tratadas na Pesquisa, foram selecionados três temas: i) o Perfil Social e Cultural dos Entrevistados; ii) o Processo de Inclusão Escolar e Social; iii) alguns aspectos da vida cotidiana do estudante surdo do Ensino Fundamental e Médio, do professor e dos pais ,todos entrevistados.

### 2.1. PERFIL SOCIAL E CULTURAL DOS ENTREVISTADOS

#### 2.1.1 LOCAIS DE RESIDÊNCIADOS ENTREVISTADOS E DAS ESCOLAS

A cidade do Recife está dividida em 6(seis) Regiões Político-Administrativas (RPA): Centro (RPA 1), Norte (RPA 2), Noroeste (RPA 3), Oeste (RPA 4), Sudoeste (RPA 5), e Sul (RPA 6), aglomerando 94 bairros com situações econômicas, sociais e educacionais bastante heterogêneas entre eles.

Mapa 1. Cidade do Recife por Região Político-Administrativa



Fonte: Site da Prefeitura Municipal do Recife, [www.recife.pe.gov.br](http://www.recife.pe.gov.br), Perfil dos Bairros do Recife.

A Tabela 3 leva em consideração duas variáveis. A primeira é a localização das escolas por bairros e em suas respectivas RPA. E a segunda variável é a caracterização sócio-cultural desses bairros considerando a população total residente, a Taxa de Alfabetização da População (T.A) de 15 anos e o Rendimento Nominal Médio Mensal dos Responsáveis por Domicílio com Rendimento Mensal (RNMM). Todos esses dados se referem ao ano de 2000, de acordo com o site da Prefeitura<sup>13</sup>.

Tabela 3. Localização das Escolas por Região Política Administrativa (RPA)

Escola	Bairro	Posição geográfica e RPA	População Total residente (mil hab)	Perfil Sócio-educacional	
				Taxa de Alfabetização %	Rendimento Nominal Médio Mensal R\$
Barbosa Lima	Graça	Noroeste RPA 3	16.877	98,64	3.650,75
Lauro Diniz	IPESEP	Sul RPA 6	25.714	95,85	951,08
Rochael de Medeiros	Santo Amaro	Centro RPA 1	29.140	86,79	790,02
Vidal de Negreiros	Afogados	Sudoeste RPA 5	36.140	88,94	586,76
SUVAG	Torre	Oeste RPA 4	16.931	92,14	1.464,74

Fonte. Prefeitura Municipal do Recife. Perfil dos Bairros do Recife. [www.recife.pe.gov.br](http://www.recife.pe.gov.br).

A disparidade econômica, expressa pelo rendimento médio familiar, não tem igual correspondência em relação à taxa de alfabetização. De fato, o bairro das Graças com maior taxa de alfabetização (98,64) é apenas 1,137% maior que o bairro de Santo Amaro, que tem a menor taxa de alfabetização (86,79). Por sua vez, o maior nível de rendimento - R\$ 3.650,75- do bairro das Graças é 16,07 maior que os R\$ 586,76, do bairro de Afogados.

<sup>13</sup> Há coincidência entre esta situação sócio-econômica com a classificação pelo Mapa da Exclusão / Inclusão Sócio-ambiental da cidade do Recife, feita pela Fundação Joaquim Nabuco, 2008.

A localização espacial de uma cidade e sua ocupação não traduz apenas uma pura questão de distância entre centro-bairro. Espelha a complexa e múltipla forma de ocupação e uso do solo por classes e grupos sociais em suas diferenças e distinções econômicas, sociais e culturais. A Tabela 3 busca localizar o estudante surdo em sua zona residencial e a de sua escola. Primeiro, não há escola para surdo em seu bairro ou no mais próximo. Segundo, salta aos olhos a distância que cada um tem que percorrer de ônibus, quando 93%<sup>14</sup> dos alunos entrevistados utilizam este meio de transporte. Terceiro, as escolas ficam em bairros com perfis econômicos e culturais totalmente diferentes da sua residência. Por exemplo, a Escola Barbosa Lima, que acolhe a maioria dos estudantes surdos de Recife, fica num cruzamento de duas importantes vias de trânsito, no sentido norte-sul, com intenso movimento de carros particulares, ônibus, ambulâncias, hospitais, lanchonetes, restaurantes, comércio ambulante. Ainda com o exemplo desta Escola, os dados da Pesquisa mostram que a escola situada na RPA 3 e cujo população tem rendimento médio mensal de 3.650,75, a grande maioria dos pais dos alunos que a freqüentam têm rendimento médio mensal de zero até 2,5 salários mínimos<sup>15</sup> da época.

Os dados sobre local de residência constantes da Tabela 3 podem ser mais bem compreendidos se comparados com os da Tabela 4, abaixo, que ressaltam a proveniência residencial dos entrevistados na mesma RPA da Escola.

---

<sup>14</sup> Cf. SUVAG,2009.Questionário de Estudante, questão 57.

<sup>15</sup> CF.SUVAG,2009. Questionário de Pais, questão 16.

Tabela 4. Localização de Residência por Cidades, Escola e Total de Entrevistados com destaque para quem reside na mesma RPA.

ESCOLAS	Barbosa.Lima RPA 3			Lauro.Diniz RPA 6			Rochael de.Medeiros RPA 1			SUVAG RPA 4			Vidal de Negreiros RPA 5			
	Cidade/ RPA	A	E	P	A	E	P	A	E	P	A	E	P	A	E	P
<b>Recife 1</b>	2	5	1	1												<b>1</b>
Recife 2	1	2	2					1	1	1						1
<b>Recife 3</b>	<b>1</b>	<b>5</b>								1	1					
<b>Recife 4</b>	2	5	2					1		<b>3</b>	<b>1</b>	<b>1</b>				1
<b>Recife 5</b>	2	2	2	2	1		4		2	1		1	<b>3</b>			<b>1</b>
<b>Recife 6</b>	<b>2</b>		<b>3</b>	<b>1</b>		<b>3</b>	<b>2</b>		<b>2</b>	<b>1</b>						
Olinda	8	4	5				3	1	3			2			1	1
Jaboatão	3		3						2			2				2
Itapissuma												1				
Camaragibe		1														
Carpina	1															
S.L.Mata			1													
Outros	1															
NR							1			1				1		
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>24</b>	<b>19</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	

Fonte: SUVAG.2009.Questionários Estudantes, Pais e Professores. A= aluno, E = educador/professor; P = pais.

Dos 46 estudantes do segundo grau entrevistados que registraram o local de residência, 30, ou 60%, residem em Recife, 11 em Olinda, 3 em Jaboatão dos Guararapes, 2 em outras cidades da RMR .

Olhando pelo prisma da relação localização residencial dos entrevistados e a RPA de sua escola, a situação espelhada na Tabela 4 é de que dos 49 estudantes apenas 4(quatro), respectivamente 1 da Barbosa Lima, 1 da Lauro Diniz e os três da Vidal de Negreiros moram nas respectivas RPAs. Situação semelhante também para professores (educadores) e pais. De fato, apenas 6 professores, de um universo de 35, têm residência na RPA de sua escola. E dos pais, 5, de um total de 43, moram na mesa Região Político-Administrativa da escola de seus filhos.

Como síntese deste item apresentamos, abaixo, a Tabela 5.

Tabela 5. Síntese do local de Residência dos entrevistados

	Estudantes do Fundamental e do Ensino Médio	Universitário	Professores	Pais
Recife	30	7	28	21
Olinda	11	1	5	11
Outras cidades da RMR	5		2	11
Não respondeu	3			
Total	49	8	35	43

Fonte: SUVAG.2009. Questionários Estudantes, Pais e Professores.

### 2.1.2 PERFIL POR IDADE, SEXO E ESTADO CIVIL

Nesta seção estão os dados referentes à Sexo, Idade, Cor, Estado Civil e Religião como formadores do perfil de Identidade dos entrevistados. Aqui estão também porque podem ser usados, numa análise mais detalhada, para uma correlação em conjunto ou separado com outras variáveis. Por exemplo, há relação entre idade da mãe e causa da surdez, sobretudo quando se atribui à rubéola, num momento em que já existiam políticas de vacinação? Qual a influência da religião para a explicação e para a aceitação de um filho surdo? A condição civil desempenha algum papel na manutenção da família após a constatação do nascimento de um filho surdo? Mesmo que a Pesquisa não tenha feito estas e outras questões de cunho mais investigativo, os dados aqui colocados poderão servir de estímulo e de ponto de partida para prosseguimento de novas investigações.

Tabela 6 IDENTIFICAÇÃO POR SEXO e COR<sup>16</sup>

	SEXO		COR					
	Feminino	Masculino	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indigena	NS/NR
Estudante	13	36	12	4	28	2	2	1
Universitário	6	2	6					2
Professores	28	7	23	3	8			1
Pais	36	7	7	19	16	1		
Total	83	52	48	26	52	3	2	5

Fonte:Elaborada a partir de : SUVAG. 2009. Questionário de Estudantes, Professores e Pais.

Fica bem evidente que das 135 pessoas entrevistadas, 61,48% são do sexo feminino. No entanto, observando-se por segmento social, os estudantes masculinos do segundo grau constituem 73,46% do seu universo, posição que se inverte com proporção um pouco maior com professoras que representam 80% de seu grupo. Certamente, esse percentual de professoras não se deva tão somente a seleção feita para as entrevistas, mas ao fato que, no país e no Estado, a maior parte de professores são mulheres.

Em relação à condição civil, não desperta maior atenção o fato de 85% dos estudantes serem solteiros, desde que a grande maioria está ainda cursando o segundo grau e residindo com a família. Faltam-nos dados para um estudo ou formulação de outras hipóteses relativas à condição civil. Convém explicar que sob a denominação de casado estão aqueles assim denominados pelo atual Código Civil, os casados só no religioso, bem como os que vivem livremente com companheiro (a).

<sup>16</sup> Foi utilizada a mesma categorização adotada nos Censos do IBGE.

Tabela 7 IDENTIFICAÇÃO POR CONDIÇÃO CIVIL

	Solteiro	Casado	Separado /Divorciado	Viúvo	Vive com companheiro	Total
Estudante	42	3	1		3	49
Universitário	7	1			8	8
Professor	15	16	4			35
Pais	7	24	4	2	6	43
						135

Fonte: SUVAG. 2009. Questionário de Estudantes, Professores e Pais.

### 2.1.3 IDADE DOS ENTREVISTADOS

#### A) Estudantes

A maioria dos estudantes em sua duas vertentes – segundo grau e universitários – situa-se, como consta da Tabela 8, com 57%, na faixa etária de 16 a 25 anos. Merecem especial atenção os dados revelados pela faixa etária entre 21 e 25 na qual estão 44% dos estudantes do segundo grau.

Tabela 8. Idade dos Estudantes do Ensino Fundamental II, Médio e Universitários

FAIXA ETÁRIA	Estudantes do Fundamental II e do Médio	Universitários	Total
10 -15	9		9
16-20	11		11
21-25	22	4	26
26-30	2	4	6
Mais de 30	4		4
NR	1		1
TOTAL	49	8	57

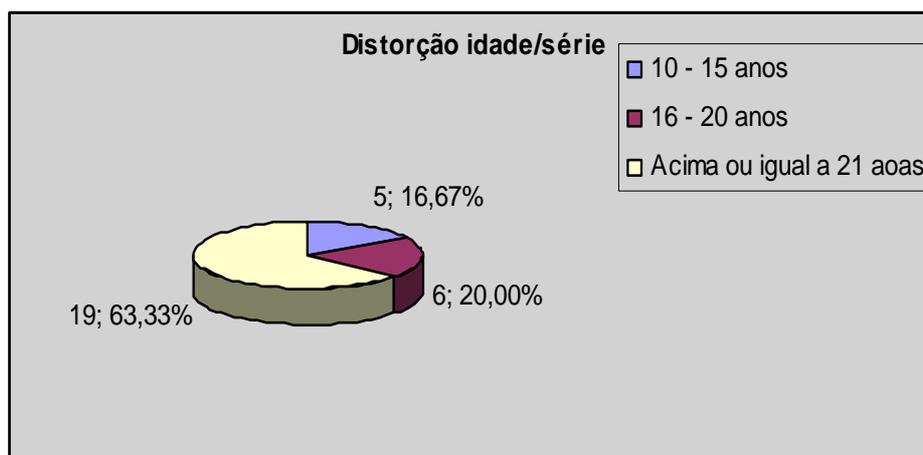
Fonte: SUVA. 2009. Questionários Estudantes e Questionário de Universitários.

Esses dados apontam para um sério problema que é o da “distorção de idade/série” de estudantes dessas séries, segundo os padrões estabelecidos pelo Ministério da Educação e Cultura. Este fato foi constatado em várias monografias com análises mais específicas por uma ou mais escolas. Por

exemplo, na monografia de Sá, Risonilta (2009) em três escolas inclusivas públicas de Recife, ela mostra no gráfico abaixo que :

Dos 31 estudantes investigados, 19 estão na faixa etária igual ou superior a 20 anos o que nos dá um percentual de 63,33% de alunos na Educação Básica fora de faixa etária.

Gráfico 1. Distorção Idade /Série



Fonte: Sá, Risonilta Germano Bezerra de. (2009, p.62)

Olhando os dados relativos à idade de ingresso dos 8 universitários no ensino superior (Tabela 8), há uma situação semelhante a maioria da dos estudantes do Fundamental II e Médio, dado que dos oito universitários, sete começaram o primeiro ano na faculdade em 2008, ou seja, com idade em que a maioria dos universitários ouvintes estão em fase de conclusão.

Essa defasagem, como será visto mais adiante com outros dados, está fortemente relacionada à demora de aprendizagem de LIBRAS na idade infantil, o que repercute na progressão das demais séries. Outra variável a de trabalho poderia intervir, no entanto perde força na medida em que apenas 7 estudantes do Fundamental II e do Ensino Médio declararam estar empregados. Outra hipótese a não ser descartada, que tem forte peso, é que o ensino de surdos no sistema de inclusão tem mais dificultado do que facilitado a aprendizagem, com especial destaque para a língua portuguesa, conduzindo, portanto, a repetência.

## B) PAIS.

Como já foi visto na Tabela 1, o universo de pais foi composto por 43 pessoas, sendo 36 mães e 7 pais. Desse total, 48,83% estavam entre 30 a 40 anos de idade; outros 14, ou seja, 32,55%, na faixa etária entre 41 a 55 anos; e, por fim, 7, isto é, 16,27%, com idade superior a 56 anos. Em síntese, pelo gráfico abaixo, registra-se que 65,11% dos pais tinham, no momento da Pesquisa, idade inferior a 45 anos.

## C) PROFESSORES

Os professores entrevistados, em 2008, para a Pesquisa Figurações Culturais : surdos na contemporaneidade, formaram um conjunto de 35 professores, dos quais 10 lecionavam no Ensino Fundamental II, 9 no Ensino Médio, outros 9 nas duas modalidades anteriormente referidas, e 7 professores exerciam a função de itinerância.

Pela Tabela 9, constata-se que 17 professores, o que representa 48,57%, estão incluídos na faixa etária entre 41 e 50 anos.

Tabela 9 Faixa Etária dos Professores

Faixa de idade	ESCOLAS					Total
	Barbosa Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	
20-30	1	-	-	-	1	2
31-40	06	1	-	1	1	9
41-50	12	1	2	1	1	17
Acima de 50	05	-	1	1	-	7
TOTAL	24	2	3	3	3	35

Fonte: SUVAG. 2009. Questionário de Professores.

Olhando-se com mais atenção para as duas últimas faixas etárias, são 24 professores, ou 68,57%, em idade de aposentadoria. Ora, este dado tem um forte impacto para a não preservação da memória escolar e também para o tratamento com surdos. Em sua já citada monografia, Sá (2009) pormenoriza esses dados para o universo de professores das três escolas analisadas e chama atenção para:

Outro fato relevante é que a maioria dos professores que já possuem alguma experiência na educação de Surdos encontra-se na faixa etária próxima a aposentadoria, portanto se faz necessário pensar uma reposição adequada de quadro profissional tendo a LIBRAS como pré-requisito para ingresso. (Sá, 2009, pág.59)

## RELIGIÃO

A importância de se perguntar e obter dados sobre a escolha religiosa dos entrevistados se deve por duas razões. Primeiro, como já nos ensinou Durkheim :

... que ela (religião) não se limitou a enriquecer com um certo número de idéias um espírito humano previamente formado; ela contribuiu também para formá-lo. Os homens não lhe deveram apenas uma notável parcela da matéria de seus conhecimentos, mas também a forma segundo a qual esses conhecimentos são elaborados". (Durkheim, 1978: 211).

Ou seja, para o crente, a religião não é somente fonte de conhecimento, mas ato de ação, razão e auxílio do viver:

...a verdadeira função da religião, (para os crentes) não é fazer-nos pensar, mas de fazer-nos agir, auxiliar-nos a viver". (Idem: 222).

Segunda razão, a religião como forma de ação e de viver é sempre buscada como conforto espiritual, explicação do fato acontecido e como transcendência. E é justamente aqui se encontra a atitude e comportamentos de pais que, diante da descoberta do filho surdo, buscam na religião uma explicação e um conforto. Professores, alunos, pais agem conforme os valores e padrões religiosos, especialmente, quando evocados como princípios, mesmo que nem sempre haja na prática a coerência necessária.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Apenas um fato para ilustrar a importância da religião. No dia 21 de novembro deste ano, em seminário de apresentação da monografia, uma aluna relatou que uma intérprete, em uma festa na escola em que leciona e que havia apresentação com músicas, se negou a fazer a tradução para os surdos, invocando sua condição de evangélica. Este acontecimento foi em 2009. Por outra parte, católicos e protestantes desempenharam ao longo da história ações

Tabela 10. Religiões declaradas

Você tem religião?	Estudantes	Universitários	Pais	Professores	Total
Tem Religião	44	5	39	31	119
Sem religião	4	2	4	3	13
Não Respondeu	1	1		1	3
Total de respostas	49	8	43	35	135
Religiões					
Católica	31	5	17	21	74
Evangélica	4		15	6	25
Baptista	4		2		6
Cristã			2		2
Assembléia de Deus			1		1
Testemunha de Jeová	2				2
Espírita				4	4
Religião não declarada	3		2		5

Fonte: SUVAG. 2009. Questionário de Estudantes, Professores e Pais.

Dos 135 entrevistados, 88% declararam ter uma religião. Neste universo, os católicos representam 62%, vindo em seguida os protestantes, com 36 adeptos, o que representa 30% daqueles que disseram ter uma religião.

## 2.2 UM PROCESSO DE EXCLUSÃO SOCIAL E AS VIAS DA INCLUSÃO.

A própria dominação “inclusão” e seu significado sociológico e político já remetem para uma situação de discriminação, de separação, de desigualdade, de não reconhecimento de identidades e diferenças e de não realização plena da cidadania<sup>18</sup>.

---

afirmativas em relação aos surdos, como demonstram os trabalhos de Longman, C, 2009; Ferraz, R, 2009.

<sup>18</sup> A luta contra a desigualdade foi e ainda é compreendida como a conquista e realização da cidadania. O trabalho pioneiro de T.A. Marshall (1967), que formulou, a partir do caso inglês, um modelo histórico de cidadania: primeiro direitos civis, (séc.XVIII), depois direitos políticos

A inclusão não constitui um fato isolado, e muito menos um fato dado. Ela é um processo histórico que abarca a realidade social, cultural, política e econômica. E longe de ser um processo pacífico, carregado de consenso e de harmonia, é um processo de conflitos, de conquistas e de avanços em desigualdade no tempo e na vida real de cada país, grupo e classe social.

Como analisar a situação dos surdos no Brasil se, de acordo com as Leis vigentes, a eles como pessoas, como grupo social lhes é reconhecido os direitos civis, políticos e sociais? Mas como compreender essa cidadania que no cotidiano das relações sociais os surdos se sentem discriminados e distanciados de uma efetiva integração como cidadão e, especificamente, como estudante? Em que consiste, portanto, a especificidade da exclusão do surdo?

Num mundo em que os que falam oralmente são maioria numericamente, a língua oficial do país torna-se a língua hegemônica e padrão cultural, sendo as demais línguas orais e de sinais ignoradas, silenciadas, proibidas, quando não eliminadas por completo. No Brasil, o português, língua oficial e falada em todo o território nacional, desrespeita cerca de 180 línguas indígenas. O que dizer de LIBRAS, língua gestual, falada por uma minoria numérica e historicamente assimilada a deficientes?

A compreensão das políticas públicas de inclusão para o surdo exige a reflexão sobre o campo do significado dos direitos e também para as oportunidades reais existentes que permitem ou permitam o exercício desses direitos. Se a resposta buscada for limitada às políticas públicas e governamentais o universo se fecha em poucos caminhos. Por isso, necessário se torna ampliá-lo e considerar o surdo como sujeito político que toma para si reivindicações, bandeiras, propostas e realizações que revertem situações de desigualdades, o que quer dizer, formulador de demandas e de propostas políticas. Em outros termos, fazer história. Só assim, será possível caracterizar

---

(séc.XIX) e por fim os direitos sociais (séc.XX), continua como referência teórica, porém não pode ser transportada para outros países, desconhecendo-se as vias históricas acontecidas, como, por exemplo, no Brasil com os direitos sociais antecipando os demais direitos. No Brasil, remetemos para o livro de José Murilo de Carvalho, 2008. É interessante frisar que até agora o movimento surdo não despertou a atenção e nem a consideração nos estudos dos movimentos sociais. Podemos dizer que os surdos são os excluídos na história dos movimentos sociais brasileiros.

o atual momento, isto é, os últimos 20 anos, como de um novo campo político<sup>19</sup> em busca de: a) construção e reconhecimento cultural e social de uma identidade surda; b) reconhecimento legal enquanto grupo com necessidades próprias e que não se enquadra na definição legal de portador de deficiência<sup>20</sup>.

## **A INCLUSÃO ESCOLAR**

A inclusão não se restringe à inclusão escolar e nem deve ser ela transformada em apanágio ideológico como garantia de igualdades para todos sem reconhecer as diferenças, sobretudo, entre grupos diferentes de “portadores de necessidades especiais”, usando uma terminologia (mais do que isso!) constante em leis, no tempo histórico, familiar e social.

Mesmo que uma análise mais profunda não seja possível, propõe-se uma periodização para apreender a história do surdo<sup>21</sup>, e, mais precisamente, do surdo em Pernambuco. Esta periodização, cuja cronologia consta do Anexo VIII<sup>22</sup>, se assenta em três grande momentos, que devido a heterogeneidade e complexidade de iniciativas, propostas e ações diferentes entre si e por atores distintos podem comportar outra classificação<sup>23</sup>.

Para a compreensão geral desses períodos, foram eleitos os seguintes componentes que devem estar presentes em todas as fases:

- i) **ator(atores) social(s) ou institucional (s)**,
- ii) **marcos**, ou seja, características determinantes, propostas,
- iii) **linguagens**, ou em outras palavras, denominações.

---

<sup>19</sup> Campo político aqui entendido também na perspectiva de Bourdieu.P.(2000)

<sup>20</sup> Janice Quadros, entre outros estudiosos, chama a atenção para o significado e a interpretação prática do que é definido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil como “atendimento” “dos portadores de necessidades especiais” que traz em si a visão “clínica - terapêutica” e “de portador”, “isto é de portar algo e não, ser alguém” (2003, p.83 e 105)

<sup>21</sup> Para uma visão mais ampla e analítica da história do Surdo em vários países, consultar Longman, L.. V. 2007

<sup>22</sup> No site, este Anexo está com a numeração de Anexo IV

<sup>23</sup> Certamente, o ano de 1960 pode ser tomado como referência fundamental na história mundial dos surdos como afirma, entre outros, Longman, L: “Por volta de 1960, a língua de sinais já está sacramentada nas sociedades de lingüistas pelo norte-americano William Stockoe, que permitiu umas outra discríção sobre os Surdos, fora das classificações da deficiência auditiva, fora de possuírem um mal e de serem narrados como idiotas”. (2007:64)

### 2.2.1 O MARCO HISTÓRICO : 26 DE SETEMBRO DE 1857

O primeiro momento é considerado a partir da criação do Instituto Imperial dos Surdos em 26 de setembro de 1857 e vai até a Constituição de 1888. As principais características deste período podem ser resumidas, grosso modo, da seguinte forma:

- a) As iniciativas são predominantemente governamentais, complementadas por ações benevolentes de igrejas ou de alguma entidade civil;
- b) a educação, ou mais precisamente a instrução escolar, é para a aprendizagem oral e escrita da língua português;
- c) as pedagogias são embasadas numa visão do patológico;
- d) os institutos de surdos seguem o padrão dominante da proibição ou do não ensino de uma língua de sinais.
- e) o surdo-mudo considerado como deficiente, incapaz<sup>24</sup>;
- f) O tratamento restrito à medicina e terapias;
- g) O surdo é denominado por surdo-mudo.

Num primeiro lance de olhar da cronologia, constante do Anexo VIII, e segundo os dados atuais disponíveis, só três ações governamentais marcam esta primeira fase do primeiro período. A própria criação do Imperial Instituto de Surdos Mudos, a proibição, em 1881, do ensino de língua de sinais e a realização, em 1883, do I Congresso de Instrução Pública em que se discute "sugestões de curriculum e formação de professores para cegos e surdos"<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Um bom exemplo consta no o artigo 101 do Código Civil de 1916: "Os surdos-mudos serão havidos por absolutamente incapazes para os actos da vida civil, quando forem taes que não possam dar-se à entender por escrito". Citado em Gurgel, Maria Aparecida. Interdição da Pessoa com Deficiência. Efeitos no Contrato de Trabalho. [www.apaedf.org.br/m](http://www.apaedf.org.br/m). Cf. Longman, L.V. (2007), especialmente, capítulo 2. Memórias Surdas: a ideologia ouvintista.

<sup>25</sup> Para evitar em demasia as referências autorais, indicamos aqui e no Anexo XXX, além das Leis citadas expressamente, a bibliografia consultada : Gurgel (2009), Longman, C e alii (2009

Interessante frisar que a data da criação do Imperial Instituto de Surdos Mudos é considerada, pelo atual movimento dos surdos, como marco simbólico, tendo sido instituído como Dia Nacional do Surdo.

Dos anos de 1916 a 1985, as principais ações do Estado continuam na área de educação, voltadas para o ensino regular, seja através de iniciativas concretas e pontuais, seja por Lei e Decretos que definem políticas educacionais. Três exemplos, apenas, o Decreto nº 26.974, de 28 de julho de 1949, que fomenta a alfabetização dos surdos-mudos; em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação; e, por fim, em 4 de novembro de 1985, o Decreto Presidencial, que institui o Plano Nacional de Ação Conjunta para Integração da Pessoa Deficiente.

Um parêntesis importante e de alerta, a partir dos anos 50 se inicia algo de novo com a presença da sociedade civil (termo não usado neste momento) nas ações para e dos surdos. Testemunhos históricos são, por exemplo: nos anos 50 a criação de associações de surdos em alguns Estados da Federação e do Instituto Domingos Sávio, em Pernambuco; em 1978, a publicação do dicionário de LIBRAS, pelo padre Eugênio Oates, e em 1983, os surdos residentes em Recife marcam sua visibilidade social em constituindo como território a rua da Conceição.

Início de importantes transformações: Estado e governos não falam mais sozinhos.

No segundo período, sob um novo contexto político e social, fruto da luta pela redemocratização do país, o Estado passa a incorporar nova semântica e conceitos nas definições dos sujeitos sociais e políticos, demandas e propostas que não nasceram no âmbito exclusivo da representação parlamentar, mas do embate com os movimentos sociais ou com representações de grupos sociais específicos. O reconhecimento legal de novos direitos, função do Estado, não se fez e não se fará como fruto de uma iniciativa exclusiva do Estado e dos Governos. As Políticas Públicas demonstram:

---

a), Longman, C e alii (2009 b), Longman, L.V e Campello, M.T.B. (2009), Silva, (2009), Ferraz, R.A. (2009); sites

a) as iniciativas governamentais no âmbito da educação, definida esta como Educação Especial, que deve ser exercida numa perspectiva de inclusão e que estão presentes em vários textos legais, especialmente na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação;

b) o reconhecimento de LIBRAS como língua do surdo;

c) o surdo é agora “portador de deficiência especial” e não mais deficiente;

d) a política de acessibilidade contempla também o surdo;

e) o surdo pode se valer do benefício pecuniário incluso na área da Assistência Social ao deficiente.<sup>26</sup>

f) O surdo é também incluído na política de empregabilidade especial para portadores de deficiência, de acordo com o art.93 da Lei nº. 8.213, de 24/07/1991.

Como é fácil concluir, o horizonte das políticas públicas e governamentais foi ampliado e elas tiveram rebatimentos nas esferas governamentais estaduais e municipais. No entanto, é bom frisar, não foram todas aplicadas de imediato e nem aconteceram no mesmo ritmo e momento.

Destacam-se, neste segundo momento, duas importantes iniciativas governamentais, transformadas em textos legais.

Primeiro, a Lei nº 10.436, de 24/04/2002 reconhece Libras como “*meio legal de comunicação e expressão*”. Isto é muito diferente de tê-la como língua oficial e como primeira língua do surdo.

Segundo, o Decreto Presidencial 5.626, de 22/12/2005, ao regulamentar a Lei nº 10.436 introduz as seguintes precisões:

a) a definição do que seja pessoa surda e meios de expressão;

---

<sup>26</sup> “a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência” (Art.203 da Constituição )

b) a obrigatoriedade de Libras como disciplina curricular nos cursos de formação de professores no nível médio e superior e em todos os níveis de governo federal, estadual e municipal;

c) a oferta de Libras como disciplina optativa;

d) a obrigatoriedade ao surdo, desde o ensino infantil até o ensino superior, do acesso “à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares”(art. 14 )

### **2.3 Surdo : sujeito político**

O terceiro grande período é determinado pela presença do surdo como sujeito político. Ressalte-se que iniciativas do movimento dos surdos ou de grupos de surdos em alguns Estados e municípios podem ter acontecido ao mesmo tempo, em sentido de apoio ou até mesmo em contrário às atitudes governamentais. E mais ainda, todo o processo político de participação do surdo na sociedade não significa que foi feito de forma simétrica e homogênea, como os fatos comprovam.

O surdo como sujeito político imprime uma nova característica que a distingue também dos outros dois períodos, e se revela em vários sentidos e direções: semântica, concepções e propostas:

a) afirmação do surdo como pessoa com diferença lingüística e não portador de deficiência;

b) construção de uma identidade cultural e social do surdo como cidadão;

c) LIBRAS como língua própria, e não apenas como sua primeira língua. Um exemplo é a criação, em 1986, da primeira escola de Surdos por surdos, em Recife, promovido pela recém-criada, em 1985, da Associação Pernambucana de Surdos. (ASSPE).

d) organização em associações, federações e confederação;

e) identificação como comunidade surda ;

f) rejeição a implantes e tratamentos médicos para oralização;

g) visibilidade social e política através de conquistas de espaços públicos para encontros, manifestações e passeatas, ou seja, territórios de afirmação de LIBRAS e do surdo como cidadão. Em Pernambuco, por exemplo, já em 1983 os surdos residentes em Recife passam a ser encontrados na rua Conceição da Boa Vista, havendo, posteriormente, deslocamentos para outros locais mais centrais até se fixarem na rua do Jiriquiti, vizinha da rua Conceição, onde hoje existe um shopping center e é ponto de encontro de jovens nos fins de semana.

h) Primeira passeata dos surdos, em Recife, em 2002.

i) construção e reafirmação da identidade surda. As expressões “estrangeiro/estrangeirice” e “surdo/ouvinte” constituem marcos de uma situação de exclusão, por um lado, e de diferença (oposição), por outro lado<sup>27</sup>.

A Pesquisa Figurações Culturais: surdos na contemporaneidade não apreendeu todas essas dimensões nos mesmos termos em que vem sendo expostos, isto é, de cronologia, periodização, história, memória, mas através de outros aspectos que, no fundo, mostram a realidade da exclusão/inclusão social e cultural do surdo. Para tanto, este processo será, neste Relatório de Pesquisa, explicitado por meio das condições em que se realizam a inclusão escolar e as formas sociais de reafirmação da identidade surda para uma abordagem mais ampla sobre a inclusão social.

Por razões políticas, e históricas até, a educação é entendida como um dos primeiros e mais eficaz mecanismo de integração social. Integração que, inicialmente, foi compreendida e buscada pela educação e aprendizagem do falar oral, da redução de tudo e de todos ao padrão dominante. Posições diferentes de uma educação e aprendizagem que devem se assentar na pedagogia da diferença, ou como prefere, com razão, Silva “na pedagogia como diferença” (2008: 101) defendida por surdos, educadores surdos e de surdos.

---

<sup>27</sup> Seguimos Tomaz Tadeu da Silva (2008) quando assim se expressa: “A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social”.

## 2.4 “A ESCOLA INCLUSÃO DISCRIMINA”<sup>28</sup>

Esta opinião de um aluno revela de forma contundente o contrário do que os formuladores governamentais e educacionais planejaram como inclusão pela educação. Mas, por que a inclusão discrimina ou, com a mesma força do epigrafe citado: por que a inclusão fracassou ou fracassa?

A inclusão escolar<sup>29</sup> objetiva a criação de convívio social em que as diferenças estejam presentes, mas respeitadas, e não sejam tidas como fonte de isolamento e de discriminação. E, por natureza da própria instituição, oferecer, sem distinção, as mesmas condições físicas, pedagógicas e metodológicas de aprendizagem. Abaixo, transcrevemos um pequeno trecho constante das Diretrizes do Plano Nacional de Educação - Lei nº 10.172, de 9/01/2001:

Uma política explícita e vigorosa de acesso à educação,(...) é uma condição para que às pessoas especiais sejam assegurados seus direitos à educação. Tal política abrange: o âmbito social, do reconhecimento das crianças, jovens e adultos especiais como cidadãos e de seu direito de estarem integrados na sociedade o mais plenamente possível; e o âmbito educacional, tanto nos aspectos administrativos (adequação do espaço escolar, de seus equipamentos e materiais pedagógicos), quanto na qualificação dos professores e demais profissionais envolvidos. O ambiente escolar como um todo deve ser sensibilizado para uma perfeita integração. Propõe-se uma escola integradora, inclusiva, aberta à diversidade dos alunos, no que a participação da comunidade é fator essencial. Quanto às escolas especiais, a política de

---

<sup>28</sup> Resposta de um aluno ao complemento da Questão 42 ( Qual o sentimento mais difícil para você?) Suvag: Pesquisa Figurações Culturais: surdos na contemporaneidade. Recife, 2009.Questionário de Estudantes.

<sup>29</sup> É importante frisar que a Política Pública de Inclusão no Brasil objetiva também garantir o acesso à escolaridade fundamental e de ensino médio a grande maioria da população.

inclusão as reorienta para prestarem apoio aos programas de integração<sup>30</sup>.

Esta mesma Lei em seus Objetivos e Metas estabelece no seu 10º item :

Estabelecer programas para equipar, em cinco anos, as escolas de educação básica e, em dez anos, as de educação superior que atendam *educandos surdos* e aos de visão sub-normal, com aparelhos de amplificação sonora e outros equipamentos que facilitem a aprendizagem, atendendo-se, prioritariamente, as classes especiais e salas de recursos. (pág.52)

Este Relatório ao sublinhar “aparelhos de amplificação sonora” para as escolas aponta para uma ainda persistente visão da surdez a ser tratada pelo grau de audição de cada surdo e, mais grave ainda, tratar pelo viés de “equipamentos”. Salvo grande engano, não se encontra neste referida Lei nenhuma referência a LIBRAS como língua própria do surdo e nem sua utilização para a aprendizagem. Aqui, sim, reside um problema de fundo da pedagogia da inclusão, como bem destacou Risonilta Sá em sua monografia:

Se a escola contribui também na formação da identidade então como fica a situação da identidade Surda tendo em vista que toda educação é planejada, orientada e executada na ideologia dos ouvintes?” (Sá, Risonilta,2009, p. 17)

Ora, como já foi visto anteriormente, os alunos surdos já chegam à escola em idade avançada, denominada no linguajar educacional de distorção idade/série, trazendo, portanto, problemas para o acompanhamento em igualdade de condição com os demais colegas.

E essas dificuldades não residem, salvo casos excepcionais, em deficiências neurológicas ou de outros tipos de saúde impeditivas ou com graus

---

<sup>30</sup> Termos sublinhados pelo autor deste Relatório.

elevados para a abstração, mas pela simples razão de não se expressarem oralmente na língua portuguesa, através da qual todo processo de socialização infantil é feito em casa e nas escolas.

Na Pesquisa Figurações Culturais, dos 49 alunos entrevistados em todas as 5 escolas, 26 deles, o que equivale a 53,06%, disseram que a primeira língua aprendida foi o português<sup>31</sup>, ficando Libras com 19 respostas, ou seja, 38,77%. Este percentual se inverte, mas sem alterar o geral, na escola Suvag, onde 6 alunos do total de 8 declaram ter aprendido primeiramente Libras<sup>32</sup>. Relacionando essa questão com mais três outras sobre a leitura, a escrita e a fala do português, abordadas respectivamente nas questões de nºs 78, 79, 79<sup>a</sup> do mesmo questionário, pode-se ter uma visão mais acurada do significado do saber português.

Tabela 11. Nível de compreensão e de domínio da língua portuguesa na auto-avaliação dos alunos.

	Lê	Escreve	Fala
Muito bem	2	1	1
Bem	10	13	13
Mais ou menos	34	28	28
Ruim	3	4	4
Muito ruim		1	1
Não sabe ler		1	1
Não respondeu		1	1
Total	49	49	49

Fonte: SUVAG.2009.Questionário de Estudantes.

O **grau da leitura** do português sob as modalidades de “bem” e “mais ou menos” consta da resposta afirmativa de 44 estudantes ou 89,79%. Por sua vez, a avaliação subjetiva sobre o **grau de domínio da escrita e da fala** conta

<sup>31</sup> Dos 43 pais integrantes do universo desta Pesquisa, 37 responderam que estimularam o filho a falar português. Cf. SUVAG. 2009. Questionário de Pais, questão 99.

<sup>32</sup> Ver: SUVAG. 2009. Questionário de Estudantes, questão 28.

com 41 respostas, respectivamente, mas são acompanhadas por respostas negativas, tais como “ruim” “muito ruim” e “não sabe ler”, mesmo que isoladamente e numericamente representem tão somente 12,24%. Para aqueles que gostam de números, somando as respostas de “mais ou menos” com as demais negativas, o total é de 34 respostas, ou seja, 69,38%. Mais ainda, não se contabilizando o “não respondeu”, o percentual sobe para 70,83%.

Se compararmos os critérios pelos quais os professores avaliam seus alunos sobre esses mesmos temas – escrever, ler e falar português – não há significativamente grandes diferenças, pois para os professores só “a minoria” dos alunos sabe escrever e ler e “a metade” fala português<sup>33</sup>.

Abrindo um parêntese para ouvir os pais dos alunos, outro interlocutor desta Pesquisa, o grau de leitura, da escrita e da fala do português pelo seu filho fica na faixa do “mais ou menos”. Se para 21 dos pais, entre os 43 entrevistados, seu filho escreve português “mais ou menos”, a classificação de “escrever bem” recebe a menção de 15 pais. Nas três categorias – ler, escrever e falar - é na segunda categoria que as referências mais positivas são assinaladas pelos pais<sup>34</sup>.

Para os que não conhecem a problemática da aprendizagem do surdo, os dados da Tabela 11 permitem aventar, numa primeira leitura, que a aprendizagem do português, ali revelada, não difere muito dos demais escolares brasileiros, a seguir os resultados recentes de diversas pesquisas oficiais ou não sobre o domínio da língua portuguesa. Contudo, há uma diferença importante, as dificuldades da aprendizagem do português pelos estudantes ouvintes podem ser creditadas, entre outros fatores, ao processo pedagógico e metodológico vigente. Enquanto para o surdo, e principalmente para os com maior grau de pouca audição, não ouvindo e não tendo a família e a escola adotada Libras, a socialização primeira e a aprendizagem tornam-se, cada vez, num obstáculo de origem com repercussão em todo o processo cognitivo da criança e do aluno surdo.

---

<sup>33</sup> Conferir, SUVAG.2009. Questionário de Professores. Questões 105,106 e 107.

<sup>34</sup> Conferir, SUVAG.2009. Questionário de Pais. Questões 97,98,100.

O estudante já carrega este lastro para a escola, onde as estruturas pedagógicas calcadas na cultura oral continuam a reproduzir ou pouco modificar o mesmo ambiente predominante na maioria das suas famílias: dificuldades de comunicação, discriminação, necessidade de intermediação.

Certamente, as opiniões contabilizadas na Tabela 12 possam ser consideradas como uma síntese da avaliação do professor sobre a escrita de seus alunos, pois nela estão também incluídos outros elementos teórico-metodológicos que permitem a aprendizagem escrita do português

Tabela 12 Comparação da escrita do aluno surdo segundo os professores.

	B.lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	Suvag	Vidal de Negreiros	Total
Um deficiente			1			1
Um surdo que fala língua de sinais e não fala português	14	1	1	2		18
Um surdo que fala Libras e fala português	05	2		1	1	09
Um estrangeiro que fala pouco português	09				1	10
Outra. Qual?	1				1	2
Em branco	1		1			2

Fonte: SUVAG.2009.Questionário de Professores, Questão 99.

## 2.5 LIBRAS : VOZ QUE SE VÊ

Por mais e melhores recursos tecnológicos que adote a escola, nenhuma conseguiu até o momento substituir o papel de socializador, de instrutor e de comunicador do professor.

Neste sentido, a Pesquisa, objeto deste Relatório, constatou que em quatro das cinco escolas pesquisadas, com exceção para o SUVAG por ser uma escola bilíngüe, a presença do professor com domínio de Libras é mínimo. De fato, apenas na escola Rochael de Medeiros dos dez professores sete sabem usar, ou extensivamente, se comunicar, falar diretamente em Libras. A maioria dos professes nessas 4 escolas, 82,92%, recorre ao intérprete para o

exercício da sua função pedagógica. Essa triangulação (aluno surdo - intérprete – professor ouvinte) no processo de aprendizagem tem várias implicações, as quais serão explicitadas no desenvolver deste trabalho.

Tabela 13. Número de professores que dominam Libras segundo declarações dos estudantes.

Você estuda em classe que tem:	ESCOLAS					
	Barbosa Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	Suvag	Vidal de Negreiros	Total
Professor que usa Libras e português escrito (classe bilíngüe)			07	08		15
Professor ouvinte e intérprete (classe inclusiva)	22	02	03		03	30
Professor ouvinte sem intérprete (classe inclusiva)		02			01	03
NR						
Branco	01					01
Total	23	04	10	08	04	49

Fonte: SUVAG.2009.Questionário de Estudantes,Questão 59.

Todavia, não se trata tão somente de uma opinião ou de uma avaliação dos alunos. Na Pesquisa, os professores expuseram com clareza suas considerações sobre o uso de Libras e seus conhecimentos sobre a cultura surda. A Tabela 14 apanha alguns elementos e espelha um contexto mais amplo da relação Libras e professor.

Tabela 14. Conhecimentos e uso de Libras pelo professor

Tipo de resposta	Libras tem o mesmo valor que outra língua oral	Conhece que Libras é também escrita	Importância de Libras para a aprendizagem dos alunos	Uso de Libras	Fluência em Libras	Uso do dicionário de Libras	Faz curso de Libras
Sim	32	15	34	20	12	16	4
Não	2	20		15	22	19	31
NR	1		1				
Em branco					1		
Total	35	35	35	35	35	35	35

Fonte. Tabela elaborada a partir dos dados constantes em SUVAG.2009. Questionário de Professores. Questões 6, 65 e 35.

Os dados acima distinguem dois aspectos de um mesmo processo. De um lado, mostra o grau de conhecimento sobre Libras e, de outro lado, o seu exercício profissional. Considerando sempre que a Pesquisa e a análise aqui desenvolvidas tratam do ensino inclusivo e com professores que lidam com alunos surdos, a realidade espelhada na Tabela 14 aparece, primeiramente, polarizada, entre a afirmação taxativa de que Libras tem o mesmo valor de outras línguas orais, reconhecimento, portanto, de Libras como uma língua, e de sua importância e contribuição para a aprendizagem dos alunos e as afirmações seguintes de desconhecimento de Libras escrita, da sua não fluência e do não aperfeiçoamento (não faz curso de Libras).

Em tantas outras partes dos questionários de estudantes, professores e pais, bem como os depoimentos daqueles que fizeram o curso de Especialização, o conhecimento e o domínio de Libras torna-se a questão central para uma reflexão e avaliação do papel da inclusão escolar. Aprender, expressar-se, comunicar-se, transmitir em Libras deve ser compreendida no arcabouço filosófico e pedagógico de um processo educação cidadã na

abordagem de Paulo Freire ou recorrendo mais uma vez a Tomaz Tadeu da Silva :

...não poderemos abordar o multiculturalismo em educação simplesmente como uma questão de tolerância e respeito para com a diversidade cultural. Por mais edificantes e desejáveis que possam parecer; esses nobres sentimentos impedem que vejamos a identidade e a diferença como processos de *produção social*, como processos que envolvem relações de poder. (Silva, T.T, 2008, pág.96, termos grifados no original).

Em outras palavras, a compreensão e a avaliação do processo real da inclusão escolar não pode ser restrita a uma atribuição de boa ou má vontade do professor, por mais responsabilidade individual que possa ter.

As políticas públicas e programas governamentais e as aspirações de diversos grupos sociais por uma sociedade com mais respeito às identidades e diferenças, ao reconhecimento do eu e do outro, só podem ter resultados favoráveis se oportunidades efetivas sejam abertas e realizadas.

Indagados qual os motivos que os levaram a ensinar a surdos, os 35 professores entrevistados, claramente, afirmam, pela ordem:

- 1) Política Nacional de Inclusão;
- 2) Imposição da Política Nacional de Educação;
- 3) Oportunidade de trabalho.

Os dois primeiros itens constituem um só e traduzem uma decisão de uma política governamental sem que as escolas estivessem devidamente preparadas para uma nova proposta pedagógica e, sobretudo, uma adesão por convicção. Reforçam esses argumentos o fato de não ter havido preparação, formação, palestras para professores e alunos ouvintes sobre as culturas e identidades dos surdos conforme revelam os dados da Tabela 15.

Tabela 15. Sobre a realização de palestras para professores e estudantes ouvintes sobre cultura e identidades surdas nas 5 escolas pesquisadas.

Houve palestras e preparação na escola ou nas salas de aula para professores e alunos ouvintes sobre a cultura e identidade dos surdos, antes da inclusão de surdos(as)?	TOTAL
SIM	04
NÃO	22
Não Respondeu	05
Não sabe	04
TOTAL	35

Fonte: SUVAG. 2009. Questionário de Professores. Questão 93.

É muito expressivo que a maioria dos professores que hoje lida com alunos surdos não tenha sido capacitada para tais funções, quando “capacitação em processo”, “capacitação participativa” e tantas outras sob modalidades diferentes impregnam o mundo escolar. Indo mais além, como envolvidos não seriam tão somente os professores, mas todo o corpo docente, administrativo e discentes ouvintes, a chegada ou a “inclusão” do aluno surdo, “de um outro que nunca esteve aqui”, tomando emprestado a indagação de Skliar (2003), num ambiente, em princípio, desconhecido, cria uma relação de estranheza. A indiferença e o preconceito encontram com facilidade um lastro de alimentação.

Há, portanto, uma profunda diferença entre atitude e prática, pois coloca para a avaliação e a análise a relação professor/política pública de inclusão escolar. Em outros termos, a análise deve ir além da indução sobre a complexa decisão pessoal do professor para ser inserida e relacionada com a própria concepção e operacionalização da inclusão enquanto política pública.

As dificuldades de comunicação direta entre aluno e professor estão igualmente pontuadas em outras questões dos Questionários de Estudantes e de Professores. À mesma pergunta posta a estudantes e professores sobre como se comunicam no dia a dia, o que inclui não apenas a sala de aula, mas todo o contexto escolar, são citadas diversas formas alternativas a Libras, que talvez pudessem ser mais claramente definidas como “comunicação truncada”. Conforme indicam os números da Tabela 16, abaixo, as opiniões não apresentam divergências, pois ambos os segmentos sociais reconhecem que a

comunicam através de Libras não é a mais usual. Chama a atenção o uso do português escrito como forma de comunicação no cotidiano de sala de aula, cujo tempo já é escasso. Os outros recursos utilizados (“gestos”, “mímica”, “linguagem própria”), presentes nos vários anos de atividade escolar, pois as respostas dos alunos incluem o segundo grau, demonstram a precariedade da relação aluno-professor. Tal situação conduz, conquanto não seja uma manifestação consciente, a um reforço da discriminação presente no senso comum de que surdo não se comunica, faz “macaquice”. A improvisação de Libras é, no fundo de tudo, um não reconhecimento, um faz de conta, uma consolidação à discriminação. Extrapolem-se esses exemplos para além classe e a imaginação pode visualizar o que, de fato, existe como comunicação e consideração pelo surdo e por Libras.

Tabela 16. Meios de comunicação usados entre estudante surdo e professor ouvinte na sala de aula.

Meios	Opinião dos estudantes	Opinião dos Professores
Libras	21	19
Gestos	14	16
Mímica	3	3
Linguagem própria	4	5
Mistura de português e sinais	2	9
Português escrito	9	13
Através de intérprete	14	18
Outra	1	

Fonte: SUVAG.2009. Questionários de Estudantes, Questão 86; e Questionário de Professores, Questão 112.

Ora, dos dados postos nas três últimas tabelas, emergem, naturalmente, uma questão central. De um lado, se o aluno surdo não consegue falar português, sendo sua língua de expressão a de sinais, o que de fato aprende,

ou mais extensivo ainda, em que consiste o processo de aprendizagem não só do português, mas das outras disciplinas e de outras questões da vida cotidiana?

O conjunto de dados abaixo fornece, sem dúvida, uma explicação ou, no mínimo, um bom caminho para a investigação, especialmente aquelas referentes à compreensão do que é explicado em sala de aula.

Tabela 17 Afirmativas de alunos e professores sobre a compreensão das disciplinas em sala de aula.

Você compreende o que o professor explica na aula?	Compreende o que o professor explica.	Alunos entendem a explicação em sala de aula .	Alunos acompanham o conteúdo das aulas.
Sim	34	30	26
Não	12	3	8
NR	1		
Branco	2	1	1
Às vezes		1	
Total	49	35	35

Fonte: SUVAG. 2009. Questionários de Estudantes, questão 70 e Questionário de Professores. Recife. 2009. Questões 89 e 92..

Qual a diferença entre “entender as explicações” e “acompanhar o conteúdo”? Para 85,71% dos professores os alunos entendem o que é explicado, mas os mesmos professores, em percentuais diferentes, 74,28%, estabelecem uma significativa diferença entre entender e acompanhar as disciplinas.

## 2.6 O INTÉRPRETE: UMA MEIA VOZ

È suficiente, no entanto, refletir sobre os dados já transcritos e aparecerá o desempenho do intérprete em sala de aula. Infelizmente, não houve nem nos Questionários de Estudantes nem no de Professores algo que pudesse distinguir o que é transmitido diretamente pelo professor ou intermediado pelo intérprete. Um caminho é construir uma hipótese favorável ao intérprete, o que ajudará a entender outras tantas questões aparentemente contraditórias entre

si. Só assim será encontrada alguma lógica nos dados constantes da Tabela 18, dado que 21 (60%) entre os 35 professores entrevistados declaram que não contaram histórias em Libras aos seus alunos<sup>35</sup>, ou seja, seguindo a hipótese, não usaram, eles próprios, Libras. No entanto, seguindo-se a opinião dos alunos a afirmação dos professores é contraditada, pois 71,42% afirmaram que seus mestres já contaram histórias em Libras.

Tabela 18. História contada em Libras pelo professor segundo opinião dos alunos.

Sua professora já contou história em LIBRAS para você?	B.Lima	Lauro Diniz	Rochael de Medeiros	Suvag	Vidal de Negreiros	Total
Sim	17	02	07	07	02	35
Não	06	02	03	01	02	14
Total	23	04	10	08	04	49

Fonte: SUVAG.2009.Questionários de Estudantes. Recife. 2009. Questão 38.

Não há estranheza para os dados do SUVAG, contudo o mesmo não pode ser extensivo para as demais escolas, uma vez que na própria resposta sobre o domínio de Libras só 20 entre 35 professores responderam que sabem usar a Língua de Sinais<sup>36</sup>. Por exemplo, na Escola Barbosa Lima só a metade (12) dos professores afirmou positivamente.

No se pode analisar e compreender o atual processo de inclusão escolar se nele não for incluído o intérprete, personagem muito importante nesta aprendizagem por via triangular.

Nesta relação aluno-professor, Libras é o elemento chave que sinaliza e age como presença de um outro código lingüístico, mas igualmente é afirmação e reafirmação de um Outro, ser social e comunicativo. Ou seja, Libras é a expressão do surdo. O intérprete surge como um elo e mais do que isso, aquele que ao traduzir transmite direta e indiretamente valores, sentimentos, simbologias, ou seguindo os passos de Austin não “descreve” apenas, mas ao “proferir uma dessas sentenças não é descrever o ato que estaria praticando ao dizer o que disse, nem declarar que estou praticando: é fazê-lo” (1990: 24). Sem dúvida, o intérprete ao traduzir age e age com

<sup>35</sup> Conferir, SUVAG.2009. Questionários de Professores. Questão 46.

<sup>36</sup> Consultar SUVAG.2009. Questionário de Professores Questão 6 e neste Relatório a Tabela 15, 5ª coluna.

autoridade e poder. Com autoridade é o único a dizer o que o professor *quis* expor porque conhece e sabe português, ou seja, é uma voz; com autoridade que controla o saber do português e de Libras, isto é, domina todo o universo simbólico, lingüístico, influenciando na formulação e julgamento de valores e de padrões culturais. Mas, ao mesmo tempo em que é posto como elemento chave na e da política de inclusão, ele encarna também esta dimensão política. Ele interpreta e versa.

Os surdos, segundo alguns depoimentos ouvidos em sala de aula, dizem que o intérprete traduz *o que quer e como quer*. Mais simples do que a Sociologia, mas com a mesma razão e autoridade.

### 2.6.1 INTÉRPRETE NA ESCOLA

Antes de tudo, ressalte-se uma pequena discordância sobre o número exato de intérprete em sala de aula, conforme se reproduz abaixo.

Tabela 19. Presença de intérprete em sala de aula na opinião de alunos, professores e pais.

Tem intérprete na sala de aula?	Alunos	Professores	Pais
Sim	32	24	20
Não	12	11	2
Não Sabe			1
Não Respondeu	1		
Em branco	4		13
Não compete			7
Total	49	35	43

Fonte: SUVAG.2009. Questionários de Estudantes, Questão 65; Questionário de Professores, Questão 80 e Questionário de Pais, Questão 83 .

De fato, enquanto 32 alunos (65,30%), de um universo de 49, confirmam a presença de intérpretes em sala de aula, a mesma opinião é compartilhada por apenas 24 (68,57%) professores entre 35,<sup>37</sup>, ao passo que a menor confirmação é expressa pelos pais. Nesta dança de números e de percentuais,

<sup>37</sup>Consultar, SUVAG. 2009. Questionários de Professores. Recife, 2009, questão 80. Ver também, questão 64 onde consta que 21 professores ensinam em “classe inclusiva com intérprete”.

o mais importante é o reconhecimento do intérprete como já constante anteriormente.

Os dados até agora expostos formam, sem dúvida, um quadro que permitirá um diagnóstico do processo de formação do aluno surdo no qual imperam grandes dificuldades para a aprendizagem. Se o não domínio do escrever e compreender o português revela-se como um dos entraves maiores<sup>38</sup>, isto se dá porque ele é base para a leitura escrita das outras disciplinas. Para a convivência extra escolar como veremos a seguir, há um outro espaço de comunicação e de afirmação do surdo.

No questionário dos estudantes e dos professores foi-lhes indagada, através das questões de números 31 e 40, respectivamente, qual a importância de Libras para a aprendizagem. Concordância maior entre todas as questões dos questionários não houve. De fato, 95,91% dos estudantes reconheceram que Libras ajuda na aprendizagem deles, e 97,14% dos professores tiveram a mesma opinião. Taxativamente, os professores dizem que o aluno surdo só aprende e aprende melhor se lhe for ensinado em Libras. Outra opinião dos professores que vem em reforço ao já expresso está em apontar como dificuldade maior o fato do professor itinerante não ser “fluente em Libras”<sup>39</sup>. Com então compreender esta problemática com as já expostas na Tabela 13 quando 20 docentes disseram saber usar Libras e, na Tabela 14, dezenove usam-na como meio de comunicação na escola. Não se trata de uma operação matemática de diminuição de menos 1, o problema é bem mais fundo. Para a maioria dos professores (62,85%), o aluno surdo aprende mais com professores usuários de Libras do que com professores ouvintes e intérpretes<sup>40</sup>. A não utilização de Libras na escola é um problema que envolve a todos: estudantes, professores e pais. De acordo com 16 pais, sobre um total de 43, também eles se expressaram sobre este assunto ao considerar que uma das principais dificuldades para a aprendizagem de seu filho reside no fato de professores não saberem Libras<sup>41</sup>.

Certamente, como corolário nada melhor do que expor a seguinte opinião de 24 dos professores, o que corresponde a 68,57%, de que apenas

---

<sup>38</sup> Cf. SUVAG, 2009. Questionário de Professores. Questão 108.

<sup>39</sup> Consultar, SUVAG, 2009. Questionários de Professores. Questão 84.

<sup>40</sup> Consultar, SUVAG, 2009. Questionários de Professores. Questão 97.

<sup>41</sup> Cf. SUVAG, 2009. Questionários de Pais. Questão 110.

com as aulas na escola o surdo não dominará a leitura e a escrita do português<sup>42</sup>. E isso mesmo apesar dos recursos pedagógicos aplicados para os alunos surdos, como declararam 26 professores na questão 90 do Questionário de Professores. Tal afirmação permite uma explicação ou, se quisermos ser mais rigorosos, uma hipótese. Não se trata, correlacionando-se as várias questões já transcritas neste Relatório, de uma simples quantificação da carga horária, mas do próprio processo pedagógico.

Diante de tudo isso, a manifestação seguinte ganha contornos de uma antecipada, mas prevista, síntese conclusiva. Através de uma pergunta simples, direta e objetiva posta ao aluno se ele aprende mais com o professor surdo, a resposta retorna no mesmo sentido. Peremptoriamente, 47 dos estudantes, ou seja, 95,91% disseram Sim. Posição seguida igualmente por 37 dentre os 43 pais entrevistados; percentual equivalente a 86,04%<sup>43</sup>.

Retornando ao preceituado nos Objetivos e Metas da Lei de Diretrizes do Plano Nacional de Educação no que diz respeito aos equipamentos, apenas nas escolas pesquisadas “Telefones para surdos” e “Campainha luminosa” estão instalados. Embora “cadeiras em círculo” sejam enumeradas, a rigor, este é um procedimento muito comum em todas as escolas e cursos de formação que, em nada, caracterizam como adaptações imprescindíveis para a aprendizagem do surdo.

Às dificuldades e problemas relatados até aqui se soma a discriminação sofrida pelos alunos na própria escola, o que é também confirmada pelos próprios pais e professores.

Em resposta a pergunta se é discriminado na escola, 57,14%<sup>44</sup> entre os 49 alunos das cinco escolas pesquisadas responderam que Sim.

Sob várias formas, o aluno surdo é visto negativamente por seus colegas de escola e até mesmo por professor e dirigentes.

Interessante que, independente da pontuação nas maneiras de discriminação, o “Não ser aceito em escola de ouvinte” é por unanimidade confirmada por alunos, pais e professores.

---

<sup>42</sup> Cf. SUVAG.2009. Questionários de Professores. Questão 100.

<sup>43</sup> Cf. SUVAG.2009. Questionários de Pais. Questão 89.

<sup>44</sup> Cf. SUVAG.2009. Questionários de Estudantes. Questão 80. Sobre a opinião de pais e professores, consultar, respectivamente, SUVAG.2009. Questionários de Pais. Questões 54 e 101; e Questionário de Professores. Questão 47.

Os alunos acrescentam ainda<sup>45</sup> :

- Não ser convidado para festa na escola;
- Rejeição dos ouvintes na escola;
- Intérprete não dá atenção

Segundo os professores a discriminação se externa em<sup>46</sup> :

- A falta de respeito ao surdo e à Língua dos sinais.
- Na hora de trabalhos em grupo o ouvinte não quer ficar junto do surdo.
- Alunos surdos não puderam participar de passeios da escola.
- Os próprios colegas discriminam. Eles não sabem Libras.
- Sofrerem mangação, impaciência por parte dos ouvintes.

Para os pais, na escola de seus filhos a discriminação se manifesta também por<sup>47</sup> :

- Não ser convidado (a) para festa na escola
- Não ter escolas de qualidade para os (as) alunos(as) surdos (as)
- Ser chamado de mudinho

## **2.7 ESCOLA ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA.**

A escola e a escola inclusa por mais problemas e dificuldades que apresentem, carregam um simbolismo de oportunidade igualitária, de formação da socialização, de crescimento intelectual e de espaço de convivência social, mesmo que o comparecimento a ela seja de obrigatoriedade legal. Em outros termos, mesmo que a Lei carregue e reforce estes aspectos, na família e na sociedade este imaginário é reproduzido seja por necessidades de trabalho, seja por adesão de valor cultural já constituído como valor universal em todas as sociedades. Da necessidade individual e particular para uma resposta pública, para uma conquista cidadã estes são os significados maiores da educação e da educação escolar. Mesmo imbuídos de princípios e valores, pais e alunos se conduzem por um sentido de praticidade seja por ser a única e

---

<sup>45</sup> Cf. SUVAG.2009. Questionários de Estudantes. Questão 49 e Complemento.E Questão 42.

<sup>46</sup> Cf. SUVAG.2009. Questionários de Professores. Questão 55 e Complemento.

<sup>47</sup> Cf. SUVAG.2009. Questionários de Pais. Questões 101, 54 e Complemento

possível oportunidade real que, de fato, dispõem de acesso à educação na cidade, seja por a escola proporcionar um ambiente de sociabilidade.

Neste sentido, não causa estranheza o fator de alunos e pais que compuseram o universo da Pesquisa Figurações Culturais: surdos na contemporaneidade considerarem positivo o ensino nas cinco escolas. Recorrendo aos números, 90,69% dos pais classificam o ensino da escola de seu filho de excelente a regular, e 77,55% dos estudantes como de nível bom<sup>48</sup>.

A escola é também apontada pelos alunos como o espaço em que primeiro viram, aprenderam e mais gostam de usar Libras<sup>49</sup>. De fato, entre alternativas como família, amigos, igreja, 23 alunos afirmam que foi na escola onde viram Libras pela primeira vez. Sobre quem lhes ensinou Libras, em uma gama de escolhas como família, amigos, professor ouvinte e professor surdo, este último aparece em segundo lugar (13 citações), o professor ouvinte em terceiro lugar (com 10 citações) e os amigos surdos em primeiro com 30 indicações. Por sua vez, o local em que mais gostam de usar Libras, a escola está incontestavelmente classificada em primeiro lugar (25 respostas afirmativas) bem distante de casa, igreja, shopping, rua.

A expressão espaço é justamente escrita aqui num seu sentido mais amplo para distinguir da sala de aula e do processo formal de aprendizagem. Com os amigos e colegas surdos, o estudante surdo encontra na escola o local ideal e espontâneo para conversar, fazer amizades, namorar. Em outros termos, transforma a escola em território da construção da identidade surda. Claro, que, como foi visto anteriormente, é também o espaço de contradição: afirmação da sua identidade e de discriminação por parte dos ouvintes. Do ser surdo e do considerar-se estrangeiro.

Em seu depoimento escrito na monografia para conclusão do curso de Especialização, Carolina Longman relata os primeiros passos, quando ainda Libras não era por ela conhecida:

Nós, os surdos, nos comunicávamos na nossa língua gestual, nos banheiros e no recreio, escondidos dos

---

<sup>48</sup>Cf. SUVAG.2009. Questionários de Pais. Questão 111 e Questionário de Estudantes, Questão 73. Na pergunta aos pais havia as opções de excelente, muito bom, bom e regular; para os estudantes apenas de bom.

<sup>49</sup> Cf. SUVAG.2009. Questionário de Estudantes. Questões 22, 30 e 33.

professores. Era o único momento só nosso. Era o momento em que não nos sentíamos diferentes, ou seja, estrangeiros. (Longman,C.2009).

Falar livremente Libras na escola e em seus vários ambientes é parte de um processo histórico de construção, afirmação e visibilidade do surdo enquanto sujeito e membro de uma comunidade social.

Refletindo sobre os dados da Tabela 20, eles legitimam, primeiramente, os aspectos acima sublinhados da escola inclusiva como espaço de sociabilidade. A inclusão escolar parece valer mais pelos desejos de superação de estigmas negativas, de discriminação, de exclusão.

Tabela 20 Significado da inclusão escolar na visão de professores e pais.

Quais as vantagens da escola de inclusão para os (as) surdos(as)?	Professores	Pais
A) Conviver com alunos ouvintes que não sabem Libras	19	14
B) Conviver com professores que não sabem Libras	9	12
C) Conviver com ouvintes em atividades extra-curriculares	21	12
D) Poder ensinar aos ouvintes a sua língua de sinais	27	26
E) Ser aceito pelos ouvintes	20	
F) Não ficar isolado no gueto dos que falam Libras	23	
G) Aprender a viver como minoria	10	
H) Mostrar que surdo é igual ao ouvinte		25
I) Mostrar que surdo é capaz de aprender como ouvinte		28
Não Respondeu	1	1
Não Sabe		2

Tabela construída a partir de: Suvag. 2009. Questionários de Professores e Pais. Respectivamente, questões 98 e 91.<sup>50</sup>

Antes de qualquer coisa, não se questiona neste Relatório a função socializadora e de espaço de sociabilidade da escola, no entanto, aqui se ressalta para a ênfase nestes aspectos em detrimento de uma análise mais

<sup>50</sup> As alternativas constantes das letras G e H não constam do Questionário de Professores. Um professor da Escola Rochaël, assim se expressou: "Da forma como a inclusão se apresenta, não vejo nenhuma (*vantagem*) para o surdo".

crítica do próprio processo de inclusão, quando os próprios alunos sofrem discriminação, não podem usufruir das mesmas condições dos alunos ouvintes e não alcançam níveis satisfatórios de aprendizagem. Em suas monografias, alunas do curso de Especialização também analisaram estes aspectos e chegaram as mesmas conclusões. Por exemplo, Sá (2009) assim escreveu:

O processo de inclusão é visto pelos pais mais vezes como um fenômeno de interação entre ouvintes e Surdos do que propriamente um fenômeno educativo, o que corrobora com as respostas dos professores, quanto aos sinais, placas, e meios de comunicações visuais, necessárias a um ambiente de acessibilidade de Surdos, os pais desconhecem se as escolas possuem e se os seus filhos utilizam as mesmas. (S. 2009:83).

### **3. ALÉM DA INCLUSÃO ESCOLAR: NOVOS ESPAÇOS DE AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE SURDA.**

A Pesquisa Figurações Culturais: surdos na contemporaneidade ouviu opiniões de estudantes, professores e pais a respeito de outros assuntos da vida do surdo na sua cotidianidade. que podem ser analisados sob dois ângulos. Primeiro o da identificação dos problemas, das questões o que remete para o campo da conscientização e segundo, para as formas de enfrentamento, ou seja, de buscas de novas afirmações e reafirmações da identidade surda.

### 3.1 “ESTÁ SOZINHO NO MEIO DOS OUVINTES”<sup>51</sup>

A primeira questão posta ao estudante surdo referia-se a que sentimento ele considerava como o mais difícil para ele, portanto, de caráter mais subjetivo. E não há titubeação nas respostas. A discriminação<sup>52</sup> está presente como marca, estigma, seja na escola, seja na família, seja nos espaços públicos. De fato, 93,87% dos alunos surdos afirmaram já ter sofrido alguma discriminação, fato que é corroborado por 58,13% dos pais e por 62,85% dos professores.<sup>53</sup> Discriminação que não é sentida apenas como uma intenção, atitude, mas como algo real, concreto.

Ainda de acordo com as opiniões dos estudantes, “ser discriminado na escola e em outros lugares por ser surdo” e “não participar de todas as atividades da família”<sup>54</sup>, bem como não ter sido chamado “*para o time de futebol*” e “*para passear com outros colegas de rua*” constitui o comportamento mais comum e segregador contra ele. Outras manifestações podem ser resumidas nas expressões “provocação dos ouvintes” e “rejeição”<sup>55</sup> o que induz a gestos, piadas, palavras depreciativas, por um lado, e a exclusão física, por outro lado. Para os pais, chamar seu filho de “mudinho”, “doidinho”, “surdo-mudo”, “doente” são sentenças que mais lhe irritam<sup>56</sup>.

Fica bem entendido que todos estes sentimentos e formas explícitas de discriminação têm como fundamento o fato de não ser ouvinte, de não falar português, de usar “gestos”. Em outros termos, confrontar o padrão dominante lingüístico e de saúde. Para o surdo, quando pais e familiares, professores e colegas não usam Libras (há algo que não se encrua apenas), no seu imaginário não fica apenas a dificuldade de aprender uma outra ou nova língua, mas de não considerá-lo falante e possuidor de uma língua.

---

<sup>51</sup> Cf. Cf. SUVAG.2009. Questionários de Estudantes, Questão 42 Complemento, Letra D.

<sup>52</sup> Ver na página 14 deste Relatório o conceito de cotidianidade utilizado. Sobre discriminação seguimos Heller, A (1992 pag.43), autora já citada naquela página.

<sup>53</sup> Cf. Cf. SUVAG.2009. Questionários de Estudantes, Questão 49, Questionário de Pais, Questão 54 e Questionário de Professores, Questão 55.

<sup>54</sup> Cf. Cf. SUVAG.2009. Questionários de Estudantes, Questão 42.

<sup>55</sup> Cf. Cf. SUVAG.2009. Questionários de Estudantes, Questão 49,

<sup>56</sup> Cf. Cf. SUVAG.2009. Questionários de Pais, Questão 71 .

### 3.2 AMPLIANDO ESPAÇO DE IDENTIDADE E DE CIDADANIA: o pertencimento à comunidade surda.

Várias vezes neste Relatório, e fruto da própria Pesquisa, a questão da *identidade* está presente. Identidade envolve o eu e o outro, um eu e um outro singular e plural, e é nesta relação conflitiva individual e social que se deve apreender o presente e o futuro do jovem surdo.

Ao se apresentar neste Relatório uma história do surdo e situá-la no espaço e no tempo através de uma cronologia<sup>57</sup> há um sentido e uma função importantes: como o surdo construiu e reconstrói a sua identidade na sociedade atual, ou seja, a partir dos anos 70 do século passado. Contrariamente a doente, deficiente, o termo e a ação pelos quais o próprio surdo, ou a maioria dele, se reconhecem como pertencente à comunidade surda hoje é o de uma **comunidade surda**. Termo este complexo, dada a gama de vários significados, tanto na sociologia e antropologia, quanto na vida prática, pois longe de envolver uma homogeneidade, e até mesmo uma situação amorfa, mostra a diversidade, o heterogêneo e até mesmo o contraditório.

A Tabela 21, mesmo com os problemas de formulação, dado que não houve para as três categorias entrevistadas – aluno, pai e professor – o mesmo conjunto de alternativas, visualiza perspectivas diferentes a respeito do que pode ser considerado como elemento fundamental da identidade surda. Se 71,42 % dos estudantes do segundo grau entrevistados se definem como “*pessoas pertencentes a uma comunidade surda*”, as afirmativas de pais e professores abrem um leque maior para a definição do surdo, não compartilham da mesma forma que seus filhos e alunos.

---

<sup>57</sup> Ver Anexo VIII. No site, Anexo IV.

Tabela 21. O que é o surdo.

Na sua opinião, os surdos (as) são:	Estudante	Pais	Professor	Total
Pessoa deficiente	4	11	4	19
Pessoa com perda auditiva	4	29	19	52
Pessoa visual			9	
Pessoa pertencente a uma minoria lingüística	3	14	19	36
Pessoa pertencente a uma comunidade surda	35	12		*
Pessoa cultural			9	*
Nenhuma das respostas		1	1	*
Outra.	5	2	3	10
Não sabe	4	1		*

Tabela elaborada a partir de SUVAG.2009. Questionários de Estudantes, Questão 43, Questionário de Pais, Questão 46, Questionário de Professores, Questão 46. \* Só foram incluídas totalizações para as questões contempladas para todos os segmentos entrevistados.

O que vem de ser exposto pode ser compreendido como opiniões diferentes dentro de um mesmo campo classificatório, isto é, nem todos consideram o surdo como comunidade lingüística ou social, mas também não o definem, majoritariamente, como deficiente.

Por outro lado, há um pólo contrário que se manifesta na afirmativa de que há surdos que desejam ser ouvintes, conforme manifestação afirmativa de 37 dentre os 49 estudantes do segundo grau e de 39 pais<sup>58</sup>. Sem dúvida, essa resposta, mesmo no âmbito da impressão geral, revela muito da complexa realidade do surdo jogado entre opostos: ser surdo sem se considerar deficiente, ser surdo considerando-se deficiente e ser surdo sendo considerado deficiente.

Pensamentos diferentes entre, de um lado, estudantes e, de outro, pais e professores estão claramente expressos em relação ao implante coclear,

<sup>58</sup> SUVAG.2009. Questionário de Estudantes, Questão 51; Questionário de Pais, Questão 72. As respostas neste item são percentualmente superiores as que afirmam o surdo como comunidade.

conforme mostra a Tabela 22. Com efeito, enquanto 87,75% dos alunos são contrários ao implante coclear, 53,48% e 42,85% respectivamente de pais e professores vão no sentido contrário, além de não terem uma opinião definitiva, mostram, no fundo, uma insegurança.

Levando-se em consideração a não generalização desta prática cirúrgica no Brasil e os altos custos financeiros, poder-se-á concluir que se trata de um mero debate e de inócuas opiniões. Nem tanto. Aqui estão envolvidas concepções, atitudes, sentimentos e práticas sobre o surdo e sua identidade, dividindo estudantes/filhos, pais/familiares e professores. Certamente, diante de tantos preconceitos, dificuldades reais e obstáculos futuros, os pais vislumbrem a possibilidade de encontrar na ciência médica a cura da surdez de seu filho.

Em um seminário de defesa de monografia de alunos do curso de Especialização, uma mãe, ali presente, externou sua sincera e comovente opinião. Para ela, ter um filho sadio é um desejo pessoal e familiar, mas também um projeto da sociedade. Buscar a cura impõe-se como alternativa, ante uma atitude de negligência. Só conhecendo, convivendo e descobrindo as potencialidades do filho surdo e reconhecendo Libras como língua será possível uma reviravolta numa prática entranhada de aconselhamentos médicos e sanitários.

Este é um dos temas que uma pesquisa futura poderá aprofundar, abarcando vários outros aspectos, inclusive os de ordem emotiva não tratados nesta atual Pesquisa.

Tabela 22. Opiniões sobre a necessidade do implante coclear.

Você acha importante os surdos fazerem cirurgia/implante coclear?	Estudante		Pais		Professor	
		%		%		%
Sim	4	8,16	23	53,48	15	42,85
Não	43	87,75	12	27,90	11	31,42
Não respondeu	1	2,04	5	11,62	1	2,85
Não sabe			1	2,32	6	2,85
Em branco	2	4,08	2	4,65	2	5,71

Tabela construída a partir de: SUVAG.2009.Questionário de Estudantes, Questão 47; Questionário de Pais, Questão 52; Questionário de Professores, Questão 53.

A afirmação de pertencimento a uma *comunidade surda* está também apoiada em outras práticas, como, por exemplo, não usar prótese, conforme 77,55%<sup>59</sup> dos alunos.

No mesmo sentido devem ser arroladas as considerações, opiniões e práticas:

- Libras ter o mesmo valor de qualquer língua oral;
- Sonhar em Libras;
- Conhecer e usar dicionário de Libras;
- Assistir a filmes (DVD) em Libras;
- Assistir a palestras em Libras;
- Defender a legenda em filmes nacionais.

Na afirmação de sua identidade surda, a visibilidade como pessoa comunicativa e participante ganha relevo importante, numa demonstração contrária daqueles que julgam o surdo como incapaz, improdutivo, incomunicável. E isso é ao mesmo tempo afirmação de reconhecimento,

<sup>59</sup> SUVAG. 2009. Questionário de Estudantes, Questão 44.

primeiro de si, por sua família, pelos colegas e outros segmentos da sociedade; segundo, conquista em vários domínios: escolaridade, trabalho, comunicação, presença em espaços públicos.

No presente, o surdo e mais precisamente 95,91 dos estudantes surdos entrevistados afirmam “*ter orgulho de ser surdo*” sentimento, igualmente, compartilhado por 93,02,<sup>60</sup> dos pais, apesar dos problemas expostos por todos os segmentos sociais do universo desta Pesquisa.

Sair do isolamento real, por não ter ou ter com precariedade contato com aqueles que não falam Libras, e também romper o isolamento imaginário por ser considerado incapaz de assumir autonomamente compromissos e funções, ou por precaução familiar para preveni-lo de possíveis manifestações de discriminação, o surdo adota outra postura que é o de buscar visibilidade, ampliar espaços de comunicação e de afirmação de direitos.

O contato com colegas e amigos na escola ou em outras localidades é buscado pela participação em grupos culturais, uso da internet, encontros em espaços públicos, passeios e divertimentos.

### **3.3 INTERNET**

O uso da internet é um dos instrumentos mais efetivo de comunicação do surdo, seja através de programas específicos como OOVOO e SURDOSOL, Blogs de surdos, Myspace, seja através de outros softs comuns a todos os jovens e freqüentadores da internet, tais como e-mail, Orkut, Msn, indicados estes dois últimos por 81,63 e 71,42<sup>61</sup> dos entrevistados. Curioso que os softs próprios da comunidade surda como OOVOO e Surdosol ocupam o terceiro e o quarto lugar, respectivamente. Se apenas 51,02%<sup>62</sup> tem computador em casa, isto não impede de ir a Lan House ou de utilizar o computador de amigos e da escola. Computador que serve<sup>63</sup>, numa ordem decrescente dada pelo próprio entrevistado, para:

- Comunicar-se com outros surdos;

---

<sup>60</sup> SUVAG. 2009. Questionário de Estudantes, Questão 52, Questionário de Pais, Questão 73.

<sup>61</sup> Cf. SUVAG. 2009. Questionário de Estudantes, Questões 105.

<sup>62</sup> Cf. SUVAG. 2009. Questionário de Estudantes, Questões 101,

<sup>63</sup> Cf. SUVAG. 2009. Questionário de Estudantes, Questões 102 e 103

- Conhecer mais sobre o mundo surdo;
- Pesquisar para trabalhos escolares;
- Comunicar-se com amigos e parentes;
- Fazer amizades.

As atividades culturais<sup>64</sup> mais comuns, mesmo com frequência diferenciadas e nem sempre assinaladas pela maioria, são:

- Leitura de revistas semanais e de jornais;
- Ida ao cinema;
- Participação em grupos culturais\*.

Se as atividades culturais, especialmente leitura de jornal e ida ao cinema, são reconhecidas como praticadas por 51,02% e 44,89% dos estudantes surdos, isso não constitui uma exclusividade deles, pois vários estudos e pesquisas com jovens e adultos ouvintes têm comprovado idêntica situação<sup>65</sup>. A situação econômica dos pais e a localização da grande maioria, quase a totalidade, de cinemas em shoppings com preços de ingressos bem mais caros são apontados como obstáculos a uma frequência maior.

Como jovens e estudantes, o universo de diversão do surdo nos fins de semana não difere também de outras categorias de jovens e se espelha nas seguintes atividades indicadas por eles mesmos e aqui organizadas em ordem decrescente:

- Passeios;
- Assisti a tv;
- Ida a cinema;
- Permanência em casa;
- Utilização do computador;
- Ida a shoppings
- Frequenta a igreja;
- Prática de esportes;

---

<sup>64</sup> Cf. SUVAG.2009.Questionário de Estudantes,Questões 17,18, 19, 20, 90. \*No Questionário não há pergunta específica sobre o tipo de grupo cultural.

<sup>65</sup> Cf. jornal Folha de São Paulo..

- Ida à praia;
- Vê filmes no vídeo;
- Joga futebol.

Próprio do mundo surdo é a ida à ASSPE de acordo com a resposta de 16 estudantes.

### **3.4 A CIDADANIA POLÍTICA**

Quatro questões foram colocadas no Questionário de Estudante com a finalidade de avaliar sua participação em atividades de caráter político voltadas para o mundo surdo. A questão 160, referente ao engajamento para influenciar políticas públicas dos governos Federal e Estadual, não foi devidamente aplicada junto a 45 estudantes, ficando, portanto, prejudicada.

Mas, sobre a ida à Associação dos Surdos de Pernambuco apenas 28 responderam afirmativamente, número este que representa 57,14% . Deste total, 9 vão muitas vezes, 15 às vezes e 4 vão pouco.<sup>66</sup> Idas estas que têm como objetivo:

- Conversar com os surdos;
- Participar de festas;
- Conhecer novos surdos.

### **3.5 DIA NACIONAL DO SURDO**

Em páginas anteriores, já foi posta a importância da comemoração do Dia Nacional do Surdo como forma de organização, de mobilização e de conscientização dos surdos. Igualmente dito sobre o papel que esta efeméride teve na afirmação da identidade surda e da conquista de espaço político de visibilidade e de reconhecimento do surdo como cidadão, a tal ponto que vários governos instituíram oficialmente o dia 26 de Setembro como Dia do Surdo.

---

<sup>66</sup>SUVAG.2009.Questionário de Estudantes, Questão 108.

Várias solenidades e manifestações celebram este Dia. No entanto, a passeata em ruas e avenidas em várias capitais e cidades do país ganha um relevo todo especial, por ser, justamente, o momento de visibilidade total, de demonstração de organização, de força política.

A Tabela 23 traduz as várias maneiras pelas quais estudantes, pais e professores comemoram o Dia Nacional do Surdo.

Tabela 23. Comemoração do Dia Nacional do Surdo por estudantes e pais

No dia Nacional dos Surdos você:	Estudante	Pais	Professor
Vai à passeata	34	13	14
Assiste a palestras	21	07	8
Vai ao teatro	16		3
Fica em casa	09	09	
Outra qual?	08	03	
Não participa		11	

Fonte: SUVAG.2009. Questionário de Estudantes, Questão 110; Questionário de Pais, Questão 128.

Não resta dúvida sobre a participação da maioria dos estudantes nas atividades comemorativas ao Dia Nacional do Surdo, sobretudo na passeata. O comparecimento de pais e professores merece um outro tipo de compreensão, pois não sendo feriado, torna difícil, ou até mesmo impossível, a ausência ao trabalho.

No ano passado (2008), a passeata<sup>67</sup> no Dia Nacional do Surdo foi objeto de um seminário específico no curso de Especialização, no qual houve exposições sobre o significado, sobre as formas de manifestações e de organização. À título ilustrativo, reproduzimos aqui três fotos da Passeata de 2008.

<sup>67</sup> A monografia de conclusão da Especialização do aluno Rafael de Araújo Ferraz foi sobre passeata, com o título *O Mundo Surdo: passeata dos surdos – luta e comemoração*. sobre Passeata de Surdos.

Fotos 2 e 3 Cartazes que falam.



Foto 4. Conversando em Libras em plena rua.



### 3.6 Perspectivas Futuras.

A vida cotidiana é também uma projeção de desejos, sonhos, expectativas. Neste sentido, a Tabela 24 revela as perspectivas que estão sendo construídas pelos estudantes surdos e as que desejam seus pais.

Tabela 24. Expectativas para o futuro na opinião dos próprios estudantes e dos pais.

Qual o seu sonho, seu desejo para quando terminar o ensino fundamental?	Estudante	Pais
Fazer o ensino médio	12*	
Terminar a educação básica		13**
Terminar o ensino médio	14*	
Fazer faculdade	18	24
Passar em concurso público	8	15
Ter uma profissão técnica	5	18
Viver do seu trabalho	24	21
Construir uma família	14	19
Não ser discriminado	3*	

Tabela construída a partir de: Suvag. 2009. Questionário de Estudantes, Questão 54; Questionário de Pais, Questão 69. \* Constante apenas do Questionário de Estudantes, \*\* do Questionário de Pais.

A gama de alternativas propostas às Questões 54 e 69 dos questionários de Estudantes e de Pais envolveu também alguns aspectos distintos, outros complementares. No que diz respeito à educação formal, a conclusão do curso que os alunos estavam fazendo e ao cesso ao ensino médio está no horizonte mais próximo e viável. Desejo corroborado por 36 (73,46%) dos estudantes na Questão 87, destinada exclusivamente a saber se ele pretendia galgar a esta etapa de ensino. Em relação à faculdade as expectativas dos pais são bem maiores do que a dos próprios estudantes, abrindo possibilidade para uma interpretação de conhecimento de grandes dificuldades de acesso à faculdade ou de um horizonte mais distante, não ainda integrante do momento presente.

Outro conjunto de alternativas está agrupado por temas relacionados à vida profissional, segundo as expressões “passar em concurso público”, “ter uma profissão técnica” e “viver do próprio trabalho”. Esta última alternativa é compreendida de maneira mais genérica, podendo abarcar tanto as duas

alternativas anteriores quanto outras não suficientemente explicitadas, a não ser por dois estudantes que indicam o desejo de ser professor e por outro que pensa em ser médico ou policial. A indefinição presente nesta última complementação da Questão 54, parecer ser a marca de todas as outras deste conjunto de questões.

#### **4. REFLEXÕES PARA UMA CONCLUSÃO**

Neste Relatório foi descrito todo o processo de elaboração e execução da Pesquisa Figurações Culturais: surdos na contemporaneidade. Em seguida, e utilizando os dados tabulados e totalizados dos questionários de estudantes, pais e professores foram sistematizadas e analisadas algumas questões do universo da vida cultural e social do estudante surdo, e sempre em diálogo com pais e professores.

Esta Pesquisa teve um caráter pioneiro por ter sido elaborada e realizada num processo coletivo de reflexão e de ação com professores e alunos. As vantagens pedagógicas foram inúmeras e se refletiram no próprio curso de Especialização e na redação das monografias. Das 52 monografias escritas, seguindo as normas da ABNT e da Faculdade Santa Helena, e apresentadas e defendidas, em uma série de seminários abertos a todos, os temas escolhidos, abaixo sintetizados, foram:

- História e memória
- Libras
- Resistências à Diferença
- Cultura surda
- Surdo na Sociedade
- Inclusão educacional/escolar
- Processo de aprendizagem
- Escola :formação e aprendizagem
- Universitário surdo

A inclusão escolar teve um lugar de destaque como problemática e em número de monografias e também neste Relatório, espelhando o próprio quadro físico e o universo social da Pesquisa.

Apesar dos importantes e significativos objetivos gerais inscritos nos princípios da política governamental de inclusão, na prática a inclusão escolar para o surdo não tem obtido os resultados desejados, conforme foi demonstrado no decorrer de todo este Relatório, apoiado em dados da Pesquisa.

É bem provável que se a denominação **surdo** não constasse na Pesquisa e neste Relatório, muitos identificariam como uma situação da escola brasileira e das condições pedagógicas em que o ensino é feito. Mas é preciso superar as aparências e as situações comuns.

A Pesquisa não buscou avaliar o processo de aprendizagem do estudante, mas de um grupo de estudante específico pela condição do uso de uma língua própria, Libras, para o qual foi definida uma política pública e governamental. E é essa particularidade que exige critérios e métodos diferenciados. Por isso que uma das primeiras conclusões da leitura dos dados dos questionários é uma impressão de impacto de que a inclusão escolar tem se tornado em procedimento e não em processo, em uma junção e em uma aglomeração, e não em um convívio de respeito à diferença, a criação de novos valores e de novas práticas sociais.

Dois fatores são fundamentais para a compreensão em toda a sua abrangência da conclusão anterior. Primeiro, mesmo parecendo tão obvio, o surdo tem uma língua própria que não é aprendida e exercida em toda sua plenitude no ambiente escolar, e mais grave ainda pelos professores, em sua maioria. Como demonstrado, outras formas de comunicação, que foi definida como comunicação truncada, substituem Libras. Ora, tal procedimento revela uma desconsideração pelo aluno, pelo processo de elaboração, transmissão e aprendizagem de conhecimentos e de informações. A socialização do aluno não se completa ou se dá de maneira ineficaz. A presença do intérprete, quando há, independente da sua capacidade e abnegação pessoais, torna o processo de aprendizagem numa relação triangular no qual o aluno sempre está em segundo plano, pois, como já escrito em páginas anteriores, e

sem jogo de palavras, este intermediador entre aluno e professor interpreta e versa. Que mutilação na e para a aprendizagem!

Outros fatores são decorrentes do não reconhecimento e uso de Libras na escola. Longe de uma atitude explícita, os efeitos existem e se fazem presentes no reforço do *preconceito* de que surdo é “mudinho”, “faz macaquice”. O uso de gestos quaisquer que podem ser feitos por qualquer um, ignora que as mãos que falam trazem sentimentos, conhecimentos, vivência, valores. A afirmativa de 54,28% dos professores entrevistados de que o aluno surdo atrapalha a atenção de outros alunos (ver questão 91 do Questionário de Professor), bem como o reconhecimento A educação não é integral e recorrendo a Paulo Freire “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 2003: 23)

As afirmações dos alunos de que “aprende mais com professor surdo” e que a “inclusão discrimina” são mais do que frases, são avaliações e testemunhos reais, que os próprios professores confirmam ao declararem que Libras ajuda e facilita o processo de aprendizagem (Questão 97 do Questionário de Professor) .

O professor não saber falar Libras tem uma repercussão em todo o processo de aprendizagem, pois não se trata de uma simples, rápida e sucinta informação, mas de refletir, aprender a pensar abstratamente, conhecer e ampliar conhecimentos e desenvolver o raciocínio lógico e lúdico. Uma língua transmite sentimentos, expressa valores e padrões de comportamento de um grupo social e da sociedade em geral.

A inclusão escolar ao colocar alunos surdos em uma mesma sala de aula com a maioria de colegas não falando Libras traz implícito um princípio de que a audição, a oralização, por serem predominantes na sociedade, deve ser também na escola. Em outros termos, e como já escrito em páginas anteriores e em monografias, a prática da política de inclusão escolar atual coloca em xeque a sua base filosófica e pedagógica.

Concomitante com as dificuldades embutidas na própria concepção e metodologia da inclusão escolar, a estrutura física da escola e as condições do exercício do magistério acrescem ainda mais as barreiras da aprendizagem do aluno surdo.

Com efeito, dos 35 professores entrevistados, 33 deles ensinam em mais de uma escola e em mais de dois turnos<sup>68</sup> e são professores que lecionam para surdos sem que antecipadamente tenha havida capacitação própria.

Todos que lidam com educação e com jovens sabem das demandas e das necessidades de recursos pedagógicos próprios. Ora, se nem a escola proporciona aos seus professores condições físicas e pedagógicas, fácil é concluir a sobrecarga de trabalho e os problemas que se avolumam na atividade escolar.

A Pesquisa Figurações Culturais não se deteve apenas na inclusão escolar, compreendeu como parte de um processo mais amplo de inclusão social. Processo este que traz a marca fundamental da organização do surdo como sujeito político. Em outros termos, as diversas iniciativas para que o surdo exerça a sua cidadania, o que significa ter oportunidades reais, não ficam restritas às políticas governamentais. Estas consolidam demandas, reivindicações e até mesmo práticas trazidas pelos movimentos de surdos e/ou de pais e educadores.

Neste sentido, os surdos ao criarem suas associações, irem às ruas em passeatas, ocuparem espaços para convivência de sociabilidade, recorrerem à internet, exercerem atividades culturais como teatro, tudo isso o faz mais consciente, cidadão, cujo coroamento é a defesa de sua língua pelo uso em casa, na escola, nas ruas e pela sua preservação e reprodução através do ensino de Libras.

Dificuldades de vários matizes existem. No dia a dia, a não presença, ou amenizando, a escassez, de intérpretes em hospitais, delegacias, postos de atendimento e outros locais públicos torna a vida do surdo mais difícil e revela que outras práticas governamentais devem ser postas em atividades.

A não aprendizagem de Libras por parte de professores e dos próprios pais e familiares é obstáculo real, mas que poderá ser superado. O preconceito como atitude e prática, este não será superado tão facilmente porque está muito arraigado, entranhado numa tradição oralista.

---

<sup>68</sup> Cf. SUVAG. 2009. Questionário de Professores, Questões 15 e 16

Por fim, algumas observações sobre a pesquisa. Como já afirmado anteriormente, esta Pesquisa teve um caráter pioneiro, trazendo com isso uma grande vontade de conhecer o mundo surdo. Certamente, tal característica se traduziu na variedade de temas e na multiplicação de questões em cada questionário. O rigor metodológico na elaboração, aplicação e totalização não impediu que falhas surgissem em todas essas fases, sem comprometer, assim é o nosso entendimento, o conteúdo dos temas e a confiabilidade dos dados.

Essa riqueza de dados permitirá o desdobramento de várias análises, reflexões em artigos e seminários, sobre um segmento social quase ou pouco conhecido.

Certamente, alguns temas devam ser mais bem aprofundados em pesquisas mais específicas. Entre estes temas, e pela importância que tem como elemento constitutivo do ser surdo, está o *signal identificador*, que deve ser visto não apenas como um simples rito de integração e expressão da cultura surda<sup>69</sup>, mas abordado em suas dimensões simbólica, de sociabilidade, de comunicação. A *inclusão*, cuja abordagem, certamente por força de Lei, está mais restrita ao campo do ensino, necessita ser compreendida na dimensão cidadã. Mas, mesmo quando inserida no universo escolar requer outros desdobramentos que ampliem todos os ângulos de abordagem. Outra questão que demanda um olhar mais atento e apreendido em várias dimensões é o da *participação dos surdos nas políticas públicas*. Isto conduz o conhecimento da história da organização dos surdos em seus vários movimentos e de suas interfaces com outros segmentos sociais e com os governos.

---

<sup>69</sup> 'Quando se define Cultura de Surdos, não quer dizer que a cultura está nos surdos, ao contrário, ela é produzida pelos surdos e, muitas vezes, é também produzida pelos ouvintes. "Não existe um purismo de Cultura Surda, como também não acontece com outras culturas". Longman, L.V. (2007, 67).

## **BIBLIOGRAFIA.**

Benjamin, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e a história cultural. Obras escolhidas 1.* Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Abril, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *A Miséria do Mundo.* Vários tradutores. Petrópolis, Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico.* Trad. Fernando Tomaz. 3ª. ed. Rio de Janeiro, Betrand Brasil. 2000.

CAILLÉ, Alain (dir) *La quête de reconnaissance: nouveau phénomène social total.* Paris, La Découverte, 2007.

CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil : o longo caminho.* 10ª.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008

CAVALCANTI, Helenilda Maria Rejane de Brito Lyra, Emília Avelino.(orgs). *Mosaico Urbano do Recife: inclusão/exclusão sociambiental.* Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed.Massangana, 2008

CONTIERI, Suzana de Mello. *Percepção de auto.estima e qualidade de vida do jovem.adulto surdo universitário.* 2007,107p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde)..Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

DURKHERIM, E. *Textos Escolhidos (Formas Elementares da Vida Religiosa).* São Paulo, Abril Cultural.1978. Série Os Pensadores.

FERRAZ, Rafael de Araújo. *O Mundo Surdo: passeata dos surdos – luta e comemoração.* Monografia de especialização em Educação Especial: estudos surdos. Faculdade Santa Helena. Recife, 2009,datilo.

FREIRE, Paulo. *Pedagógica da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo, Paz e Terra,1996

HALL, Stuart. "Quem precisa da Identidade?.in Tomaz Tadeu da Silva(org). *Identidade e diferença:a perspectiva dos Estudos Culturais*. 8ª ed. Petrópolis,Vozes, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3ª.ed. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.

LIMA, Maria Jeane da Silva. *A Descoberta da Surdez: uma Ruptura na Interação Familiar. Monografia de Especialização em Educação Especial: estudos surdos*. Faculdade Santa Helena. Recife, 2009, datilo.

LONGMAN, Carolina et alii."Dados e Fatos Significativos na História dos Surdos em Pernambuco".in *Estudos Surdos: Novas Perspectivas*. III:7-16, 2009.

LONGMAN, Carolina. *Sinalizo, logo existo*. Monografia de Especialização em Educação Especial: estudos surdos. Faculdade Santa Helena. Recife, 2009, datilo.

LONGMAN, Liliane, CAMPELLO, M.T.B. "Nossa Leitura da "História da Associação dos Surdos e da Educação de Surdos em Pernambuco. Uma História escrita a partir de Depoimentos de História de Vida de Surdos de Pernambuco". Estudos Surdos:Novas Perspectivas, III: 35-39, 2009.

LONGMAN, Liliane Vieira. Memórias de surdos. Recife, Editora Massangana, 2007.

MARTINS, Gilberto de Andrade e THEÓFILO, Carlos Renato. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. São Paulo, Atlas, 2007.

PERLIN, Gladis e QUADROS, Ronice Muller de. "Ouvinte: O Outro do Ser Surdo".Estudos Surdos I.Série Pesquisas. Petrópolis, Arara Azul, p.166-186, 2006.

PERLIN, Gladis e MIRANDA, Wilson. "Surdos: o narrar e a política". Ponto de Vista, nº5, p. 217-226, 2003

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice Muller."Situando as diferenças implicadas na educação de surdos:inclusão/exclusão".Ponto de Vista, nº 05,p.85-111,2003

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo, T.A. Queiroz. 1991.

\_\_\_\_. "História, História Oral e Arquivos na visão de uma socióloga". In Moraes, Marieta (org). História Oral .Rio de Janeiro, Diadorin, 1994, p.101.116.

RICHARDSON, Roberto Jarry e al. Pesquisa Social: métodos e técnicas. 3ª.ed. 7.reimpr. São Paulo, Atlas, 2007.

RODRIGUES, Maria das Graças de F. *Representações Sociais Atribuídas a LIBRAS na Leitura dos Familiares de Surdos*. Monografia de Especialização em Educação Especial: estudos surdos. Faculdade Santa Helena. Recife, 2009, datilo.

SÁ, Risonilta Germano Bezerra de. *Inclusão: diferentes olhares num mesmo contexto*. Monografia de Especialização em Educação Especial: estudos surdos. Faculdade Santa Helena, Recife, 2009, datilo.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo, Companhia das Letras, 1998

SILVA, Tomaz Tadeu da . "A produção social da identidade e da diferença". Tomaz Tadeu da Silva (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 8ª ed. Petrópolis, Rj, Vozes, 2008.

SKLIAR, C. (Org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SUVAG. *Figurações Culturais: surdos na contemporaneidade*. Recife, 2009. Pesquisa.